



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE MEDICINA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA SAÚDE



EMANUELLE TENÓRIO DE OLIVEIRA

ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA:
um olhar para a prática pedagógica dos preceptores de estágio

Maceió/AL

2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE MEDICINA**



MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA SAÚDE

EMANUELLE TENÓRIO DE OLIVEIRA

ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA:

um olhar para a prática pedagógica dos preceptores de estágio

Trabalho acadêmico de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional Ensino na Saúde como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

**ORIENTADORA: PROF^a DRA MARIA VIVIANE LISBOA DE VASCONCELOS
CO-ORIENTADOR: PROF. DR. RENATO SANTOS RODARTE**

Maceió/AL

2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Janaina Xisto de Barros Lima

- O48o Oliveira, Emanuelle Tenório de.
Odontologia e preceptoria: um olhar para a prática pedagógica dos preceptores de estágio / Emanuelle Tenório de Oliveira. – 2017.
89 f. : il.
- Orientadora: Maria Viviane Lisboa de Vasconcelos.
Coorientador: Renato Santos Rodarte.
Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde. Maceió, 2016.
- Inclui bibliografia, apêndices e anexos.
1. Preceptor – Formação. 2. Educação continuada. 3. Estágio. 4. Odontologia.
I. Título.

CDU: 614.253:616.314



Universidade Federal de Alagoas
Faculdade de Medicina
Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde

FAMED - UFAL – Campus A. C. Simões
Av. Lourival Melo Mota, S/N
Cidade Universitária – Maceió-AL
CEP: 57072-970
E-mail:mpesufal@gmail.com

Defesa do Trabalho Acadêmico de Mestrado da aluna **EMANUELLE TENÓRIO DE OLIVEIRA**, intitulado: “**ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA: UM OLHAR PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PRECEPTOES DE ESTÁGIO**”, orientada pela Profa. Dra. **Maria Viviane Lisboa de Vasconcelos** e Coorientada pelo Prof. Dr. **Renato Santos Rodarte**, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, da Universidade Federal de Alagoas, em 22 de dezembro de 2016.

Os membros da Banca Examinadora consideraram a candidata APROVADA

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. MARIA VIVIANE LISBOA DE VASCONCELOS – FAMED/UFAL

Prof^ª. Dr^ª. MARIA DE LOURDES FONSECA VIEIRA – FAMED/UFAL

Prof^ª. Dr^ª. ANA LYDIA VASCO DE ALBUQUERQUE PEIXOTO – CESMAC

Prof^ª. Dr^ª. DIVANISE SURUAGY CORREIA – FAMED/UFAL

Dedico este Trabalho Acadêmico de Conclusão do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde à minha família, em especial à minha mãe, Jussara Oliveira Tenório, pelo apoio incondicional nesses momentos de intenso trabalho e dedicação, pela paciência, carinho e por acreditar sempre em mim! E, acima de tudo, por ter sido meu maior exemplo de força, fé, de mulher, a melhor mestre que eu já tive na vida!

AGRADECIMENTOS

À Deus, sempre presente e fiel em minha vida, sustentando-me nas adversidades e acompanhando e direcionando minha caminhada pessoal e profissional;

À minha família, minha base, meus maiores amigos e incentivadores, em especial aos meus pais Jussara e Manoel que foram os responsáveis pela minha caminhada e por tudo o que eu conquistei, e as minhas irmãs por me ajudarem e incentivarem sempre;

Ao meu amor, Kaio Sandes, por ser tão companheiro, um apoio e ombro amigo, por acreditar e me incentivar em todos os momentos e não me deixar desanimar;

A todos os queridos amigos do mestrado, que tornaram essa jornada mais leve e feliz, proporcionaram momentos que serão levados no coração por toda a vida, vocês foram fundamentais nos momentos de alegria, tristeza e superação de dificuldades;

A todos os amigos e amigas que há tempos compartilham meus sonhos, em especial minha amiga Renata Araújo por ter dedicado um pouco do seu tempo e atenção, pela escuta, incentivo e carinho de sempre, e a Rafaela Brandão e Danilo Cavalcante, por terem sido incentivadores para meu ingresso no mestrado e sempre disponíveis para me ajudar durante todo esse período;

À minha querida orientadora Prof.^a Dr.^a Maria Viviane, pelo carinho com que me tratou todo esse tempo em que estivemos juntas, pela paciência e discernimento nas orientações. Professora competente e comprometida, de um coração enorme;

Ao meu querido co-orientador Prof. Dr. Renato Rodarte, igualmente competente e carinhoso;

Aos componentes da Banca Examinadora Prof.^a Dr.^a Ana Lydia Vasco e Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes Fonseca Vieira, pela disponibilidade, apoio e contribuições riquíssimas nesse momento tão importante.

*“E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas*

*E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar”*

(Caminhos do coração- Gonzaguinha)

RESUMO

A inserção dos cirurgiões-dentistas, profissionais do serviço, como preceptores dos estudantes de graduação de Odontologia no estágio curricular (extramuros), visando contribuir para a formação de um profissional generalista, crítico, reflexivo e humanista adequada aos princípios do SUS, proposto pelas DCN de 2002, traz vários desafios. Um deles, cuja discussão vem ocorrendo na maioria das graduações em saúde, devido a sua complexidade, diz respeito à formação pedagógica deste profissional, transmutado em preceptor. Neste contexto, a pesquisa propôs descrever a atuação da preceptoria em Odontologia, analisando o conhecimento dos preceptores sobre sua função e prática pedagógica. Foi realizada uma pesquisa do tipo Estudo de Caso, predominantemente qualitativo, com os cirurgiões-dentistas, preceptores de estágio do Curso de graduação em Odontologia de uma Instituição pública. Foram entrevistados 12 Cirurgiões-Dentistas que atuavam como preceptores de estágio, utilizando a entrevista semiestruturada, observação participante e a análise documental. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram que os preceptores entendem os cenários de prática como locais de contextualização dos conteúdos teóricos, se apercebem tanto como aprendizes, quanto como colaboradores na formação do discente. Porém não possuem treinamento pedagógico para a preceptoria. Identificam como dificuldades a falta de formação pedagógica para preceptoria e o distanciamento entre a academia e o serviço. Conclui-se que a prática pedagógica ainda é descontextualizada e incipiente, os preceptores necessitam de momentos de formação e reflexão da preceptoria, assim como uma maior aproximação com a academia. Deste trabalho resultaram dois produtos de intervenção: um relatório técnico acerca dos objetivos e resultados da pesquisa apresentados ao Núcleo Docente Estruturante do Curso de Odontologia da UFAL, e um blog educacional intitulado “PRECEPTORIA E ODONTOLOGIA” para proporcionar um espaço de discussão e reflexão sobre a atividade da preceptoria.

Palavras-chave: Preceptoria. Educação continuada. Odontologia

ABSTRACT

The insertion of dental surgeons, service professionals, as preceptors of undergraduate dentistry students in the curriculum (extramural), aiming to contribute to the formation of a generalist, critical, reflective and humanistic professional, adequate to the SUS principles, proposed by the DCN Has several challenges. One of them, whose discussion has been occurring in most health graduations, due to its complexity, concerns the pedagogical formation of this professional, transmuted into preceptor. In this context, the research proposed to describe the performance of the preceptory in Dentistry, analyzing the knowledge of the preceptors about its function and pedagogical practice. A case study study was conducted, predominantly qualitative, with dental surgeons, preceptors of the undergraduate course in Dentistry of a public institution. We interviewed 12 Dental Surgeons who worked as trainee preceptors, using semi-structured interview, participant observation and documentary analysis. The data were submitted to content analysis. The results showed that preceptors understand the scenarios of practice as places of contextualization of theoretical contents, perceive both as learners and as collaborators in the formation of the student. However, they do not have pedagogical training for the preceptory. They identify as difficulties the lack of pedagogical training for preceptory and the distance between the academy and the service. It is concluded that the pedagogical practice is still decontextualized and incipient, the preceptors need moments of formation and reflection of the preceptoria, as well as a greater approximation with the academy. This work resulted in two intervention products: a technical report on the objectives and results of the research presented to the Structural Teaching Nucleus of the UFAL Dentistry Course, and an educational blog titled "PRECEPTORIA E ODONTOLOGIA" to provide a space for discussion and reflection on the Activity of the preceptoria.

Key-words: Preceptorship. Continuing Education. Internship. Dental education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CES	Câmara de Educação Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
COAPES	Contratos Organizativos de Ação Pública de Ensino-Saúde
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
FAMED	Faculdade de Medicina
FOUFAL	Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Alagoas
IES	Instituição de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
NDE	Núcleo Docente Estruturante
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** - Caracterização dos cirurgiões-dentistas preceptores da FOUFAL, 2015. 21
- Quadro 2** - Documentos e registros sobre leis, diretrizes e da implantação do curso de Odontologia na UFAL. 24
- Quadro 3** - Caracterização dos preceptores do curso de Odontologia da UFAL em relação a atuação pedagógica, 2015. 29

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DO TACC.....	13
2 ARTIGO: ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA: um olhar para a prática pedagógica dos preceptores de estágio.....	15
2.1 INTRODUÇÃO	17
2.2 PERCURSO METODOLÓGICO	19
2.2.1 O método do Estudo de Caso.....	19
2.2.2 Os Participantes da Pesquisa.....	20
2.2.3 Cenário da Pesquisa.....	20
2.2.4 Técnicas de construção dos dados.....	21
2.2.4.1 Entrevista Individual.....	22
2.2.4.2 Observação Participante como técnica.....	23
2.2.4.3 Análise Documental.....	23
2.3 Análise e Interpretação dos dados.....	28
2.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
2.4.1 Prática Pedagógica.....	29
2.4.2 De repente... Preceptor!	33
2.4.3 Cirurgião-dentista e Preceptor <i>ou</i> Cirurgião-dentista Preceptor.....	37
2.4.4 Estágio Curricular Supervisionado.....	41
2.4.5 Entraves na Interação Ensino-Serviço.....	43
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS DO ARTIGO.....	48
3 PRODUTOS DE INTERVENÇÃO.....	52
3.1 RELATÓRIO TÉCNICO “Odontologia e Preceptor: um olhar para a prática pedagógica do preceptor de estágio.....	52
3.1.1 Apresentação do Relatório Técnico.....	52
3.1.2 Relatório Técnico.....	54
Referências.....	64
3.2 BLOG EDUCACIONAL: “ PRECEPTORIA E ODONTOLOGIA”	65
3.2.1 Introdução.....	65
3.2.2 Objetivos.....	66

3.2.3 Justificativa.....	66
3.2.4 Metodologia.....	66
3.2.5 Público Alvo.....	67
3.2.6 Resultados Esperados.....	67
Referências.....	68
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO ACADÊMICO.....	69
REFERÊNCIAS GERAIS.....	70
APÊNDICES.....	74
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista aplicado aos profissionais preceptores.....	74
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	76
APÊNDICE C - Análise de Conteúdo – Categorização do Texto das Entrevistas.....	78
APÊNDICE D – Blog Educacional “Odontologia e Preceptorial”.....	86
ANEXOS	87
ANEXO A - Autorizações dos municípios participantes da pesquisa.....	87
ANEXO B - Declaração de entrega e apresentação do relatório técnico....	91

1 APRESENTAÇÃO

Este estudo está no âmbito de Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso - TACC - do Programa de Mestrado Profissional em Ensino na Saúde (MPES) da Faculdade de Medicina (FAMED) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Ele contém um artigo denominado **“ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA: um olhar para a prática pedagógica dos preceptores de estágio”** e dois produtos de intervenção, sendo um relatório técnico sobre a Preceptoría em Odontologia da FOUFAL, direcionado a direção e coordenação do curso de Odontologia, e um blog intitulado **“PRECEPTORIA E ODONTOLOGIA”**.

A minha vivência na preceptoría surgiu a partir do meu ingresso dentro do serviço público, como cirurgiã-dentista na Estratégia de Saúde da Família há quatro anos. Enquanto profissional da Odontologia, no serviço público, comecei a recepcionar e acompanhar os discentes do curso de Odontologia da UFAL e pude perceber na prática as dificuldades e entraves para o profissional do serviço atuar como preceptor de estágio. Esta experiência dentro do serviço trouxe várias reflexões e receios sobre o meu papel enquanto preceptora no serviço e a inquietação, principalmente, quanto à formação do profissional Odontólogo para atuar como preceptor junto aos discentes do curso de Odontologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), o que resultou neste trabalho.

Ao iniciar as atividades como preceptora dos discentes, me deparei, entre outras questões, com os entraves enfrentados pelos profissionais para atuarem como preceptores, tendo que unir sua atividade profissional e a docência e/ou preceptoría para a qual não foram treinados e por muitas vezes nem ao menos informados sobre como seria realizado este estágio. Este tema de pesquisa surge desta inquietação e necessidade de responder a algumas questões vivenciadas no dia a dia como preceptora e para compreender melhor sobre a preceptoría em serviço

O artigo é um estudo de caso sobre a Preceptoría, predominantemente qualitativo, realizado por meio de entrevista semiestruturada, observação participante e análise documental e tendo como norteadores as Diretrizes

Curriculares Nacionais (DCN) do curso de Odontologia, o Projeto Pedagógico do Curso e como referenciais teóricos o ensino em saúde, a docência e a preceptoria na saúde. Os participantes foram 12 Cirurgiões-dentistas que atuavam como preceptores de estágio e para a análise dos resultados utilizou-se a análise de conteúdo.

O artigo, ao retratar dados da pesquisa, permitiu conhecer a percepção dos preceptores sobre o que é a preceptoria. Apresentou como resultados a falta de treinamento dos cirurgiões-dentistas para exercer a atividade da preceptoria e também o distanciamento entre a Universidade e os serviços de saúde que acolhem os discentes.

Os produtos resultantes deste estudo foram: um relatório técnico apresentado ao Núcleo Docente Estruturante - NDE - do curso de Odontologia da FOUFAL relatando os resultados da pesquisa sobre a preceptoria, e também: um blog educacional com objetivo de facilitar a formação e interação desses preceptores.

2 ARTIGO

ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA: um olhar para a prática pedagógica dos preceptores de estágio

DENTISTRY AND PRECEPTORSHIP: a look at the pedagogical practice of internship preceptors

RESUMO

INTRODUÇÃO: O Curso de Odontologia vem sofrendo modificações para se adequar ao perfil recomendado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia. Nesse contexto, enfrenta desafios para garantir a formação desse novo profissional generalista e humanista, que atue no Sistema Único de Saúde. Uma destas mudanças foi a inserção dos estágios supervisionados e de preceptores nos serviços públicos, extrapolando os muros da Universidade. **OBJETIVOS:** Descrever a atuação da preceptoria em Odontologia, analisando o conhecimento dos preceptores sobre a sua função e sua prática pedagógica. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, na modalidade estudo de caso, realizada com os preceptores de estágio do Curso de graduação em Odontologia de uma Instituição pública de Ensino Superior. Foram entrevistados 12 Cirurgiões-Dentistas que atuavam como preceptores de estágio, utilizando a entrevista semiestruturada, observação participante e análise documental. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo. **RESULTADOS:** evidenciou-se que os preceptores percebem os cenários de prática como locais de contextualização dos conteúdos teóricos, se apercebem tanto como aprendizes, quanto como colaboradores na formação do discente. Porém não possuem competência pedagógica para essa atuação. Identificam como dificuldades a falta de formação pedagógica para preceptoria e o distanciamento entre a academia e o serviço. **CONCLUSÃO:** Os cirurgiões-dentistas tem dificuldade de enxergar o papel de docente na sua função de preceptor. Há falta de estímulo para a atuação como preceptor. É visível a necessidade de estreitar os vínculos com a instituição de ensino, através de parcerias e comunicações efetivas, planejamento e orientação quanto ao andamento dos momentos de estágio de forma geral.

Palavras-chave: Preceptoria. Educação Continuada. Estágio. Odontologia.

ABSTRACT

INTRODUCTION: The Dentistry Course has undergone modifications to suit the profile recommended by the National Curricular Guidelines of the Undergraduate Course in Dentistry. In this context, it faces challenges to ensure the formation of this new generalist and humanist professional, working in the Unified Health System. One of these changes was the insertion of supervised internships and preceptors in public services, extrapolating the University walls. **OBJECTIVES:** To describe the performance of the preceptory in Dentistry, analyzing the knowledge of preceptors about their role and their pedagogical practice. **METHODOLOGY:** This is a qualitative research, in the case study modality, performed with the preceptors of the undergraduate course in Dentistry of a Public Institution of Higher Education. We interviewed 12 Dental Surgeons who worked as trainee preceptors, using the semi-structured interview, participant observation and documentary analysis. The data were submitted to content analysis. **RESULTS:** it was evidenced that the preceptors perceive the practice scenarios as places of contextualization of the theoretical contents, they perceive both as apprentices and as collaborators in the formation of the student. However, they do not have pedagogical competence for this activity. They identify as difficulties the lack of pedagogical training for preceptory and the distance between the academy and the service. **CONCLUSION:** Dentists have difficulty seeing the role of teachers in their role as preceptor. There is a lack of stimulus for acting as a preceptor. The need to strengthen links with the educational institution is evident through effective partnerships and communications, planning and guidance on the progress of internships in general.

KEYWORDS: Preceptoría. Continuing Education. Internship. Dentistry.

2.1 INTRODUÇÃO

A prática da preceptoria com vistas a auxiliar na formação dos profissionais é antiga na história do ensino da saúde. Desde o Brasil colonial já essa prática era vivenciada por aprendizes na área médica que não podiam frequentar as Universidades Europeias como era hábito na época, estes acompanhavam os médicos formados, sendo a sua formação pautada na prática e experiência destes (BOTTI e REGO, 2008).

Segundo Trajman et al. (2009) e Botti e Rego (2011), a preceptoria é fundamental na formação discente, pois tem a função de ser o elo entre aprendiz e prática profissional desenvolvida em um serviço já existente.

Nesta atuação, os preceptores são educadores e devem estar aptos a ensinar e a auxiliar os discentes, além de motivá-los, inspirando e influenciando positivamente na formação destes a partir das práticas diárias, interligando com a realidade, por meio da reflexão, do diálogo e da participação.

A formação dos recursos humanos em Saúde, no Sistema Único de Saúde (SUS), vem sendo realizada e incentivada pela criação dos polos de educação permanente, e com a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002), de forma a incentivar a articulação entre ensino e serviço, visando modificar a forma de ensino na área da saúde.

É imprescindível que os preceptores de estágio estejam aptos a desempenhar seu papel, e a educação permanente dos profissionais se torna a prática capaz de levá-los às atualizações e experiências de outros profissionais (CECCIM, 2005; SARRETA, 2010).

Com a resolução do Conselho Nacional de Educação CNE/CES Nº 3, de 19 de fevereiro de 2002, foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia (BRASIL, 2002), colocando como prioridade a formação do Cirurgião-Dentista voltada para o Sistema Único de Saúde do país, ressaltando nesta formação a garantia dos estágios curriculares supervisionados com carga horária mínima de 20% da carga horária total do curso.

Para atender as normas preconizadas nas DCN (2002) para os cursos de Odontologia no Brasil, o Projeto Pedagógico do Curso de Odontologia (PPC) da UFAL de 2007 (UFAL, 2007) coloca como um de seus objetivos a formação de um

cirurgião-dentista, generalista, humanista, com visão crítica e reflexiva para atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor técnico e científico.

O PPC da Odontologia (UFAL, 2007) traz que os cirurgiões-dentistas deverão ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na prática. Desta forma, os profissionais de saúde deverão aprender a aprender, ter responsabilidade e compromisso com a sua educação além de cooperar com o treinamento e/ou estágio das futuras gerações de profissionais, para que haja benefício mútuo entre os futuros profissionais e os dos serviços.

Com a criação da lei de estágio (BRASIL, 2008) temos a criação do plano de estágio em 3 partes, com envolvimento da Instituição de Ensino Superior (IES), através da coordenação de estágio e do docente orientador, do discente e da parte concedente formada pelo serviço de saúde com seu preceptor supervisor, objetivando facilitar o decurso do estágio ao sugerir as competências de cada uma das partes.

O profissional Cirurgião-dentista atua como preceptor dentro de seu ambiente de trabalho e estritamente ligado à sua área no momento de prática clínica. Esta preceptoria ocorre por um curto período de tempo, já que de acordo com o PPC, o estágio “extramuros”, como é denominado o estágio obrigatório supervisionado no curso de Odontologia da UFAL, ocorre no 10º período do curso, no último semestre do curso e com isso os discentes passam pela preceptoria por grupos em períodos não superiores a 3 meses, o que muitas vezes dificulta o desenvolvimento das vivências de estágio.

O preceptor de estágio é uma figura de destaque na formação dos discentes e que tem como papel diminuir a distância entre o campo teórico e prático, este trabalho surge das experiências profissionais, principalmente no que diz respeito à prática pedagógica do preceptor, suas funções e papel na construção do saber no campo da prática (CERQUEIRA, 2011).

Neste estudo, usaremos o termo Preceptor para aqueles profissionais da Odontologia, Cirurgiões-dentistas, que atuam no âmbito do SUS e recebem os discentes para o estágio designado extramuros do Curso de Odontologia da Universidade Federal de Alagoas.

Assim, propôs-se nesta pesquisa conhecer a atuação da preceptoria em Odontologia e analisar a percepção dos preceptores cirurgiões-dentistas sobre sua função e prática pedagógica.

2.2 PERCURSO METODOLÓGICO

O tema desta pesquisa é a *Preceptoría* enquanto uma forma pedagógica de integrar teoria e prática em um campo de estágio e exercida por profissionais de nível superior da área da saúde (BOTTI e REGO, 2011; ROCHA e RIBEIRO, 2012; SANTOS et al., 2013).

Com base nos marcos conceituais de que preceptor é o sujeito formador e orientador que ensina, supervisiona e conduz o aprendiz na sua profissão, escolheu-se abordar o objeto de estudo por meio de uma abordagem metodológica demandada pela complexidade do objeto em si. Nesse contexto, a opção metodológica dentro de uma abordagem qualitativa foi o método do Estudo de Caso do tipo Intrínseco e Educacional.

2.2.1 O método do Estudo de Caso

O estudo de caso é um método qualitativo que serve para responder questionamentos sobre o fenômeno estudado e contribui para compreendermos melhor os fenômenos individuais, os processos organizacionais e políticos da sociedade (YIN, 2001).

Neste contexto, este estudo agrega um grande número de informações pormenorizadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa. Para Goldenberg (2004) o estudo de caso tem o objetivo de fazer uma apreensão da totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso completo.

E ainda, segundo Yin (2001), o estudo de caso compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados. Enquanto que, para Stake (2001), o caso é uma unidade de análise, que pode ser um indivíduo, o papel desempenhado por um indivíduo ou uma organização, um pequeno grupo, uma comunidade ou até mesmo uma nação.

O método do Estudo de Caso é útil quando o fenômeno a ser estudado é amplo e complexo e não pode ser estudado fora do contexto onde ocorre naturalmente. Ele é um estudo empírico que tem como uma das fontes de informações mais importantes, as entrevistas. Através delas o entrevistado vai

expressar sua opinião sobre determinado assunto, utilizando suas próprias interpretações.

Nesta pesquisa, o estudo de caso tem característica intrínseca, visto que o pesquisador tem interesse específico neste caso que é a prática pedagógica do preceptor e característica educacional porque o pesquisador está preocupado com a ação educativa (ANDRÉ, 2005).

2.2.2 Os Participantes da Pesquisa

Foram convidados à pesquisa, em momento previamente acordado com os entrevistados, prioritariamente em seu respectivo ambiente de trabalho, os 12 cirurgiões-dentistas que atuavam como preceptores de estágio dos discentes do 10º período do Curso de Odontologia da UFAL no estágio “extramuros” no período da pesquisa. Ressalta-se que as entrevistas ocorreram após a prévia autorização dos gestores do serviço e respectiva assinatura de termo de autorização correspondente (Anexo 1).

A caracterização dos preceptores na pesquisa foi inserida em um quadro para delimitação do seu perfil (Quadro 1).

2.2.3 Cenário da Pesquisa

O cenário do estudo foi composto pelas Unidades de Saúde dos municípios de Messias, Marechal Deodoro e Barra de São Miguel do Estado de Alagoas, Brasil onde atuam os preceptores vinculados à UFAL no momento da pesquisa, assim como em consultórios particulares de alguns entrevistados, localizados em Maceió para realização da entrevista individual a pedido de alguns participantes. Outros municípios que recebiam os discentes deixaram de ter vínculo com a Universidade para recebê-los, devido a dificuldades para acessibilidade, transporte e alimentação e, portanto foram excluídos da pesquisa.

Algumas entrevistas ocorreram em Messias, município que é o local de trabalho da pesquisadora. Previamente à entrevista, foi colocado que apesar da entrevistadora atuar como preceptora local, naquele momento assumia apenas o papel de pesquisadora com objetivos de conhecer a atuação na preceptoria. Os objetivos do trabalho e a preservação da privacidade foram comunicados

incisivamente aos preceptores. Esta comunicação foi importante porque as entrevistas ocorreram com tranquilidade e sem constrangimento.

Nove entrevistas foram realizadas nos consultórios das unidades de saúde onde os cirurgiões-dentistas exerciam a preceptoría de acordo com a disponibilidade dos participantes, enquanto que outras três foram realizadas nos consultórios particulares dos profissionais preceptores, a pedido dos mesmos por questões de comodidade e disponibilidade.

Quadro 1. Caracterização dos cirurgiões-dentistas preceptores da FOUFAL, 2015

PRECEPTORES	FAIXA ETÁRIA	SEXO
P1	32	F
P2	48	F
P3	37	M
P4	37	M
P5	31	F
P6	40	F
P7	30	F
P8	31	M
P9	36	M
P10	62	F
P11	35	M
P12	29	M

Fonte: Autora (2015).

2.2.4 Técnicas de construção de dados

Após a delimitação do tema e as leituras norteadoras, foram elaborados os procedimentos adotados para a construção dos dados como as entrevistas e observação em campo. Neste momento, visando trazer maior credibilidade, optamos por utilizar mais de uma fonte de evidências de dados utilizando também a análise documental

2.2.4.1 Entrevista individual

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada junto aos participantes em local previamente acordado e seguindo um roteiro elaborado com perguntas norteadoras com base no objetivo da pesquisa (Apêndice A).

A entrevista individual representa uma fonte que intensifica o acesso às informações acerca de um fenômeno, seja pela possibilidade de gerar novas concepções ou pela análise e problematização de uma ideia em profundidade (GIL, 2008).

Nesta pesquisa, optou-se pela entrevista individual, sendo esta realizada juntamente as visitas visando a observação participante no ambiente de trabalho do preceptor, sendo de 9 das 12 entrevistas realizadas nas Unidades de Saúde, e 3 sendo realizadas nos consultórios particulares dos dentistas a pedido dos mesmos. Durante o período da pesquisa foi possível observar os preceptores em seu ambiente natural de trabalho e sua maneira de conduzir o trabalho e expressões corporais durante os questionamentos e vivências de preceptoria observadas.

A coleta dos dados ocorreu no período de abril a julho de 2015, sendo nove das doze entrevistas realizadas nas unidades de Saúde onde exerciam a preceptoria. Outros três participantes por escolha própria foram entrevistados em seus consultórios particulares, porém as observações participantes ocorreram em todas as unidades. Segundo relato dos preceptores, a preceptoria ocorria de duas a três vezes por semana, podendo variar para mais e para menos entre as semanas, durante o período do estágio.

A primeira etapa da entrevista visou a caracterização deste preceptor cirurgião-dentista quanto a idade, sexo, atuação docente e capacitação para preceptoria e na segunda etapa foram efetuados questionamentos sobre a atuação pedagógica.

As entrevistas foram gravadas em áudio e registros manuais feitos pelo observador em um diário de campo. Todas as entrevistas gravadas em áudio foram transcritas e codificadas logo após o acontecimento. Os Cirurgiões-Dentistas que participaram da pesquisa foram identificados pelas pela letra "P" (preceptor) seguidas de um número indicando a ordem cronológica das entrevistas, sequencialmente de "P1" a "P12", preservando o anonimato dos mesmos.

2.2.4.2 Observação Participante como técnica

A observação utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Esta técnica usualmente se complementa com outras técnicas como a entrevista semiestruturada e análise documental. Necessita para tanto ter critérios selecionados previamente. Neste estudo, ela serviu como técnica complementar para as entrevistas realizadas.

Esta etapa é iniciada com o pesquisador, buscando encontrar os gestores e preceptores para fazer uma breve explanação sobre os motivos da pesquisa.

Durante o período da pesquisa no campo, o pesquisador fez cerca de 20 entradas no campo, onde registrava suas impressões em um diário de campo. As perguntas norteadoras da entrevista semiestruturada serviram como base para a observação dos preceptores em seu ambiente de trabalho.

2.2.4.3 Análise Documental

Para aumentar o grau de confiabilidade a evidência dos dados coletados e esclarecimentos de alguns dados, optou-se durante o processo em fazer uma consulta sistematizada em alguns documentos do ponto de vista da preceptoria. (Quadro 2).

Neves (1996) define pesquisa documental como aquela constituída pelo exame de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados com vistas a uma interpretação nova ou complementar.

E segundo Caulley *apud* Ludke (1986) a análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de hipóteses ou questões de interesse.

QUADRO 2- Documentos e registros sobre leis, diretrizes e da implantação do curso de Odontologia na UFAL

Documento/ Fato histórico	Data	Dados relevantes	Observações	Preceptoria
CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS	1960	Criado no início da década de 1960, em 24 de abril de 1960, junto com a criação da Universidade.	A partir de 2002, o curso vem se adequando às Diretrizes Curriculares Nacionais.	Não existia a preceptoria na forma como a temos hoje, o curso era centralizado na formação pautada na reprodutibilidade de modelos, essencialmente clínica e restrita aos muros da Universidade.
DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA OS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA	2002	RESOLUÇÃO CNE/CES nº 3, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia.	Sobre Educação permanente: os profissionais devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática. Desta forma, os profissionais de saúde devem aprender a aprender e ter responsabilidade e compromisso com a sua educação e o treinamento/estágios das futuras gerações de profissionais, mas proporcionando condições para que haja benefício mútuo entre os futuros profissionais e os profissionais dos serviços, inclusive, estimulando e desenvolvendo a mobilidade acadêmico/profissional, a formação e a cooperação através de redes nacionais e internacionais. No Art. 7º A formação do Cirurgião-dentista deve garantir o desenvolvimento de estágios curriculares, sob supervisão docente. Este estágio deverá ser desenvolvido de forma articulada e com complexidade crescente ao longo do processo de formação. A carga horária mínima do estágio curricular supervisionado deverá atingir 20% da carga horária total do Curso de Graduação em Odontologia proposto, com base no Parecer/Resolução específico da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação.	As DCN já apontam e sugerem a necessidade de estágios e treinamentos sob responsabilidade dos profissionais do serviço de saúde. O surgimento das preceptorias já estaria implícito nesse contexto.

QUADRO 2- Documentos e registros sobre leis, diretrizes e da implantação do curso de Odontologia na UFAL

Documento/ Fato histórico	Data	Dados relevantes	Observações	Preceptoria
PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UFAL (PPC.)	2007	Criado para atender as sugestões das DCN, traz o perfil do egresso e já cita a existência do estágio supervisionado no curso.	Perfil do egresso segundo o PPC: cirurgião-dentista, com formação clínica geral, capacitado a exercer a profissão nos níveis de atendimento primários, secundários e terciários, de acordo com a realidade detectada através de um sistema hierarquizado de referência e sintonizado com o Sistema Único de Saúde, dentro de uma visão social. De acordo com o PPC no 10º período ocorre o estágio extramuros com o objetivo de vivenciar experiências práticas nos diversos setores do sistema de saúde, adquiridas nos períodos anteriores.	A preceptoria surge como a prática que solucionará a questão dos estágios supervisionados, Agora os discentes irão sair dos muros da Universidade e vão vivenciar a realidade do serviço de saúde.
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UFAL	2007	Denominado Estágio extramuros; ocorre no 10º período do curso. Local: na rede de saúde pública, UBS dos municípios vinculados.	O estágio ocorria, no momento da pesquisa, nos municípios de Barra de São Miguel, Messias e Marechal Deodoro.	Quando os estágios extramuros começaram a ser realizados, surgiram ao mesmo tempo e pela necessidade do estágio, as preceptorias nas unidades de Saúde.
LEI Nº 11.788	2008	Lei de Estágio	Dispõe sobre o estágio de estudantes. Deve ter acompanhamento efetivo de docente orientador e supervisor (preceptor). O plano de estágio deve envolver as 3 partes: educando, IES e parte concedente. As três partes terão de assinar o termo de compromisso de estágio. São obrigações da IES: indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário.	A lei de estágio traz a figura do preceptor como parte efetiva do estágio, devendo este supervisionar, orientar no serviço. O preceptor com formação ou experiência aqui deverá ser indicado pela parte concedente (gestor do serviço).

QUADRO 2- Documentos e registros sobre leis, diretrizes e da implantação do curso de Odontologia na UFAL

Documento/ Fato histórico	Data	Dados relevantes	Observações	Preceptoria
CONVÊNIO ENTRE UNIVERSIDADE E SERVIÇOS DE SAÚDE	2013	Ocorreu nos municípios de Messias e Barra de São Miguel e Marechal Deodoro.	Mesmo com a assinatura do convênio, muitos dentistas não foram informados e desconheciam a existência do mesmo.	Com a assinatura do convênio se formalizou a existência da preceptoria em serviço.
PORTARIA INTERMINISTERIAL Nº 1.124.	2015	Institui as diretrizes para a celebração dos Contratos Organizativos de Ação Pública Ensino-Saúde. (COAPES)	<p>Dispositivo estabelecido por meio da lei do Mais Médicos.</p> <p>Objetivos: garantir acesso a todos os estabelecimentos de saúde sob responsabilidade do gestor da área de saúde como cenário de práticas e estabelecer as atribuições das partes relacionadas. Fortalecer ensino-serviço-comunidade.</p> <p>Traz as competências nos âmbitos nacional do ministério da Educação e da Saúde, as competências estaduais e municipais.</p> <p>Diz no Art. 12 as competências das instituições de ensino e dos programas de residência em saúde no inciso IV que estes devem garantir a participação dos profissionais de saúde no planejamento e avaliação das atividades que serão desenvolvidas em parceria com os serviços de saúde.</p> <p>X - oferecer aos profissionais da rede de serviços oportunidades de formação e desenvolvimento que contribuam com a qualificação da assistência, da gestão, do ensino e do controle social na saúde, com base na Política Nacional de Educação Permanente em Saúde; XI - desenvolver</p>	O COAPES avança aos trazer que compete as IES devem garantir a participação dos preceptores não planejamento e avaliação das atividades, além de oferecer aos profissionais oportunidades de formação, e também qualificação e valorização do preceptor, e a certificação de sua atividades de preceptoria.

			sistematicamente qualificação e avaliação do docente e preceptor, de forma compartilhada entre instituições de ensino, programas de residência em saúde e serviços; XII - fomentar ações de valorização e formação voltada para os preceptores, tais como inclusão em pesquisas (como pesquisadores), certificação da atividade de preceptoria, apoio à participação em atividades como cursos, congressos, dentre outros, que deverão estar explicitados no COAPES.	
--	--	--	--	--

Fonte: Dados de Pesquisa (2015).

2.3 Análise e interpretação dos dados

Para realização da análise das falas optou-se pela técnica de análise de conteúdo temática (BARDIN, 2011), sendo esta uma técnica refinada, que exige muita dedicação, paciência e tempo do pesquisador que deve ser intuitivo e criativo, principalmente na definição de categorias de análise. Os passos da análise compreendem as fases de apreensão dos dados, pré-análise do conteúdo, sistematização das ideias, teorização, exploração do material transcrito através de exaustivas leituras, interpretando e contextualizando os dados e, por fim, organizando-os em categorias que vão aflorando à medida que os dados são trabalhados.

As falas decorrentes das entrevistas foram transcritas na íntegra, imediatamente após a ocorrência, lidas exaustivamente e então à medida que foram surgindo temas que se repetiram nas falas, eles foram classificados e categorizados para facilitar a análise dos resultados da pesquisa em todos os aspectos. Segundo Morse e Field (1995) a finalidade da categorização é agrupar temas e códigos de acordo com similaridades, importância, concordância e relevância, reunindo os temas comuns e que se repetiam, surgindo assim as categorias.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) pelo parecer nº 1.026.822, em 16 de abril de 2014. Cada participante recebeu o Termo de Consentimento livre e esclarecido o qual foi assinado após concordância.

2.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O universo de cirurgiões-dentistas (12) que atuavam como preceptores vinculados aos municípios que recebiam os discentes da faculdade de Odontologia aceitou participar da pesquisa. Na caracterização destes preceptores, observou-se que cinco dos 12 entrevistados são docentes na graduação ou em cursos de especialização e ou atualização em odontologia. No entanto, nenhum com treinamento e desenvolvimento docente para preceptoria como podemos observar no Quadro 3.

Quadro 3. Caracterização dos Preceptores do curso de Odontologia em relação a atuação pedagógica, 2015.

PRECEPTORES	ATUAÇÃO DOCENTE	CURSO DE DESENVOLVIMENTO DOCENTE EM PRECEPTORIA
P1	SIM	NÃO
P2	NÃO	NÃO
P3	SIM	NÃO
P4	NÃO	NÃO
P5	SIM	NÃO
P6	NÃO	NÃO
P7	NÃO	NÃO
P8	NÃO	NÃO
P9	SIM	NÃO
P10	NÃO	NÃO
P11	NÃO	NÃO
P12	SIM	NÃO

Fonte: Autora (2015).

Com os dados construídos a partir das falas dos Cirurgiões-dentistas e por meio da análise de conteúdo, emergiram duas categorias associadas a preceptoria na Odontologia: “Prática Pedagógica” com as subcategorias “De repente...Preceptor” e “Cirurgião-dentista e Preceptor ou Cirurgião-dentista Preceptor” e a categoria “Estágio Curricular Supervisionado” com a subcategoria “Entraves na interação ensino-serviço”.

2.4.1 PRÁTICA PEDAGÓGICA

Neste estudo, os preceptores da Odontologia, a prática pedagógica se confunde com a prática clínica, sendo colocado pelos mesmos, muitas vezes, como sendo equivalentes, como demonstram as falas:

É mostrar no paciente o que é feito na odontologia, é a parte prática da coisa. (P2)

[...] a capacidade da pessoa de passar pra eles de uma forma didática de como eles podem desenvolver o trabalho...(P4).

São os meios que você utiliza, né? Durante a rotina, no caso a Odontologia, aquela forma de abordagem de repente do paciente para tentar aproximar o conhecimento do aluno pra desenvolver a atividade como profissional no estágio...(P5).

[...] a prática seria a explicação, passo a passo, do que eu tô fazendo. (P6)

[...] é esse compartilhamento de conhecimento, eu faço de uma maneira mais empírica é compartilhar com eles o dia a dia mais prático da profissão. (P8)

[...] a minha prática pedagógica seria minha prática diária. (P10)

Em toda a área da saúde encontramos discussões acerca da formação pedagógica dos profissionais de saúde e de como essa formação ou mesmo a ausência dela pode influenciar no ser docente que esses profissionais assumem ao atuarem seja na função de supervisores, tutores ou como preceptores dentro dos serviços de saúde (CERQUEIRA, 2011).

A prática pedagógica vem sendo objeto de estudo de vários autores e tem se tornado um tema relevante na atualidade, devido a sua importância no êxito das práticas de ensino. Segundo Veiga (1992) esta deverá ter objetivos, finalidades, conhecimentos e estar dentro do contexto da prática social.

Tozetto (2009) diz que é necessário mobilizar os saberes, entre eles o do discurso abstrato para se preparar para a prática pedagógica e que ao direcioná-la para a ação de ensinar, adquire-se o saber da prática, a competência de ensinar. Esta prática não é à adquirida por repetição de ações do docente, mas aquela que este desenvolve com consciência, sem dificuldades para realizar e partilhar. A prática pedagógica deve estar ligada a um referencial teórico e metodológico.

O movimento atual para uma formação mais generalista do Cirurgião-dentista ainda não está explícito, conforme observado no texto composto pelas falas dos preceptores que reflete uma formação prioritariamente clínica.

[...] a prática seria a explicação, passo a passo, do que eu tô fazendo. (P6)

[...] a minha prática pedagógica seria minha prática diária. (P10)

As falas refletem ainda uma certa confusão sobre o significado do que é prática pedagógica, fato corroborado pela observação do pesquisador ao notar as expressões faciais de dúvida durante os questionamentos, como observa-se nas falas abaixo.

“que eu tento dar o meu melhor (...)eu não me sinto tão confortável, a gente é receptivo, o preceptor, a gente aqui recebe muito bem...” (P5)

“na verdade como eu não fui orientada eu faço o meu trabalho e aí se alguém me questionar porque eu tô fazendo isso ou aquilo, eu respondo” (P6)

No momento da entrevista, observaram-se atitudes ansiosas por parte dos preceptores como se esperassem algum tipo de aprovação em seus comentários, como se agissem na incerteza e se sentissem desconfortáveis com isso. O preceptor P8 relata:

“Eu acho que é mais por tentativa e erro [...] não sei se nos outros municípios é do mesmo jeito, mas o que é feito é cada um do seu jeito, então se tivesse um nivelamento, saber como lidar com esse estudante, talvez fosse mais fácil”.

No entanto, alguns preceptores destoam desse contexto mais antiquado de formação, e já sinalizam uma leve mudança de pensamento no sentido de um treinamento mais adequado às exigências das DCN como se observa nas falas abaixo:

[...]je que esse aluno possa enxergar naquela prática pedagógica do seu preceptor o que ele vê em livro, em sala de aula (P1)

[...] um apanhado de técnicas pedagógicas que o preceptor deveria executar durante o estágio ou pós-graduação do estudante (P3)

[...]a capacidade da pessoa de passar pra eles de uma forma didática de como eles podem desenvolver o trabalho (P4)

Educar, para o docente e/ou preceptor, está além de ensinar conteúdos específicos, exige a reflexão crítica. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se docente crítico se, for apenas um transmissor de informações (FREIRE, 1996). Essa reflexão de Freire (1996) nos remete a que tipo de preceptoria se desenvolve quando os

preceptores apenas reproduzem suas práticas, sem dar espaços para momentos de reflexão.

É interessante observar que alguns preceptores já têm um pensamento voltado para a importância de uma preceptoria mais didática e voltada a formação. Durante a entrevista, os preceptores (P1 e P4) se mostraram genuinamente interessados e preocupados em buscar alternativas para melhorar os momentos de preceptoria como se observa nas falas a seguir:

[...]eu acho que deveria ser cursos de qualificação, de médio a longo prazo realmente, como se fosse uma pós graduação [...] ter pelo menos um breve conhecimento do que é ter uma capacidade de uma prática pedagógica mais adequada(P1)

[...]a capacitação seria ótima, até pra saber o real interesse desse estágio, eu diria que sim, que seria interessante uma capacitação, se tivesse a oferta eu iria (P4)

O papel do professor (neste estudo em questão, o do preceptor) é a criação de possibilidades para produção ou construção do conhecimento (FREIRE, 1996). Portanto, o preceptor precisa criar espaços e momentos para que o discente tenha suas próprias experiências, que busque as respostas sobre determinado assunto. Por isso, o preceptor deve investir em sua formação pedagógica, para se manter atualizado e poder proporcionar um espaço de aprendizagem para ambos. Não podendo se resumir a repassar sua prática clínica como foi colocado pela maioria dos entrevistados.

Observa-se que a docência no ensino superior tem sido exercida por profissionais das mais variadas áreas do conhecimento, entretanto, a grande maioria nunca teve contato com estudo de didática pedagógica, já que as instituições de ensino superior têm privilegiado a experiência profissional do docente na sua área de formação, contribuindo desta maneira à desvalorização da capacitação pedagógica (BARRETO et al., 2011).

Segundo Silva e Moreira (2014) quando se fala em prática pedagógica, refere-se ao aprendizado que se constrói gradativamente por meio de várias experiências. A discussão de temas, os valores adquiridos, a troca de vivências, os erros e acertos, todos são pontos que implicam num crescimento e desenvolvimento

do sujeito enquanto profissional. Alguns dos entrevistados já demonstram em suas falas essa preocupação, de se criar um espaço de trocas, de interação, mesmo colocando que são ainda práticas empíricas e pontuais como observamos nessa fala a seguir:

“é mais aquela coisa empírica, não é nada assim científico, é aquela rotina, de ser aberto a discussões, de deixar os alunos à vontade para poderem interagir com o profissional (...) é aquela coisa mais de cotidiano”
(P5)

O preceptor do curso de Odontologia, que se coloca como aquele que ensina a partir de sua prática profissional, sem ter tido a formação pedagógica para isso, atua na função de docente sem ter tido contato prévio sobre os saberes didáticos e pedagógicos. De acordo com Rocha (2012) na grande maioria dos casos os preceptores dominam os saberes e práticas profissionais, mas não são familiarizados com os saberes pedagógicos levando a uma atuação intuitiva e de reprodutibilidade de modelos.

É importante que se compreenda que, apesar de existir uma prática pedagógica preconizada e ideal, este não é o único fator que influencia no bom andamento da preceptoria, pois observamos que muitos preceptores, mesmo sem terem tido contato formal com as práticas pedagógicas conseguiram desenvolver de forma satisfatória a atividade de preceptoria, mesmo sendo de forma empírica e baseada fortemente em sua formação tecnicista e na sua disponibilidade e disposição para tal atuação.

Para Santos et al.(2013) o preceptor poder ser definido como um “docente-clínico” tendo habilidades pedagógicas e clínicas, a fim de dominar habilidades técnicas e relacionais.

2.4.2 DE REPENTE... PRECEPTOR!

No que se refere ao ser preceptor de estágio em Odontologia, os preceptores entrevistados mencionaram o desempenho da função docente através da preceptoria:

[...]parecidas com a do docente [...] Preceptor e docente de sala não tem diferença, a diferença só é o ambiente de ensino(P1)

“É orientar o aluno quanto a sua atividade profissional, na verdade é uma docência, sendo na prática” (P6)

[...]tem que ensinar, passar algum conhecimento, a gente tem que deixar que os acadêmicos fiquem à vontade pra poder desenvolver.(P7)

Estas afirmações nos remetem a essência do preceptor de estágio que é ser um educador na prática diária, levando o conhecimento através da reflexão, diálogo e participação como já afirmava Trajman (2009). O que nos leva a reflexão se as duas práticas seriam equivalentes, ser preceptor seria o mesmo que ser um docente atuando na prática, ou não, o ser preceptor é uma atividade com particularidades que não são pertinentes ou equivalentes ao ser docente.

Os próprios cirurgiões-dentistas nas suas falas e expressões expuseram essa ideia, de se ter, de repente, a necessidade de atuar como “Docente” na prática clínica diária, e ao mesmo tempo demonstravam as suas inseguranças se realmente seria função deles, e até onde ela iria.

Essa necessidade repentina de atuar como um “docente-clínico” não é exclusividade da Odontologia e já era discutido por Bentes et al. (2013) ao falar que o papel de preceptor não seria uma opção pessoal dos profissionais médicos, mas uma condição assumida pelo fato de estar vinculado em uma instituição pública de saúde.

Sobre as funções exercidas durante a preceptoria, os preceptores mencionaram ser uma orientação prática, vincular teoria e prática, orientar, recepcionar, explicar, preparar o discente para a prática diária, ser um auxílio, um elo, agregar conhecimentos, o que pode ser observado nas falas a seguir:

[...] vincular o que eles aprendem na faculdade com a prática e tentar ensinar eles na prática (P1)

[...]nossa função é fazer esse elo entre o paciente e o estagiário e o conhecimento (P2)

[...]são orientar, ensinar, explicar, tudo direitinho e colocar o estudante aqui pra trabalhar na prática (P10)

É importante frisar que ao responder sobre as funções do preceptor, mesmo existindo receios, eles demonstraram clareza em suas opiniões, refletindo um conhecimento ainda que empírico sobre suas funções ao exercer a preceptoria.

“é orientar o aluno quanto a sua atividade profissional (...) na verdade é uma docência, sendo na prática...” (P6)

“são orientar, ensinar, explicar, tudo direitinho e colocar o estudante aqui pra trabalhar na prática...” (P10)

Apesar de alguns entrevistados, como P10, nos momentos de intervalo das entrevistas demonstrarem preocupação em “acertar” as respostas, percebe-se no geral que tem uma compreensão sobre as funções do preceptor mesmo sendo a partir de sua atividade diária.

A atividade do preceptor, antiga e de fundamental importância na formação dos futuros profissionais, surge da necessidade de aproximar os campos de teoria e prática, onde aquele profissional do serviço transmite seus conhecimentos de forma a induzir os discentes a compreenderem melhor a atuação profissional, tendo como papel ensinar, orientar e construir conhecimentos nos espaços de práticas através do compromisso com a aprendizagem do aluno e capacidade de inspirar e incentivar o desenvolvimento discente (BOTTI e REGO, 2008; ROCHA e RIBEIRO, 2012).

As funções de um preceptor de estágio, como afirmam Botti e Rego (2008) ainda muito se confundem com as funções de mentores, tutores e docentes, mas a principal função do preceptor deve ser ensinar, refletir e trocar conhecimentos através de sua prática diária. Missaka e Ribeiro (2011) colocam como características mais importantes dos preceptores o compromisso com a aprendizagem do aluno e o seu próprio conhecimento sobre o seu papel de formador e incentivador.

Pode-se observar ainda muitas dúvidas e receios entre os preceptores sobre os limites de sua atividade como preceptor, quais seus reais deveres com seus discentes e até que ponto eles podem interferir na formação deles.

Segundo Missaka (2010) a relação entre preceptor e aluno é uma relação de troca, de aprendizagem; é pedagógica, devendo cumprir os preceitos de toda relação pedagógica como ética, compromisso, potencialização da aprendizagem, melhoria da predisposição para ouvir.

A maioria dos entrevistados concorda que o espaço de preceptoria deve ser um ambiente para trocas de conhecimentos e reflexões sobre a prática. Em contrapartida, ao questioná-los sobre como desenvolvem o momento da preceptoria afirmam que seu trabalho poderia ser melhor desenvolvido e que ainda está aquém da necessidade dos discentes:

[...]receptionar, mostrar como é que funciona a unidade...tem que ensinar, passar algum conhecimento, a gente tem que deixar que os acadêmicos fiquem à vontade pra poder desenvolver (P7)

[...]que eu tento dar o meu melhor[...]eu não me sinto tão confortável(P5)

[...]Não é completo, mas a gente tenta dar o que pode dar (P2)

[...]eu poderia melhorar mais, eu preciso me melhorar como preceptora, a responsabilidade é grande (P1)

Durante a fala do P5 e a partir das observações do momento da entrevista, percebe-se que alguns preceptores estão dispostos a se comprometer mais com a atividade de formação. Há uma busca na realização da preceptoria de uma melhor maneira, embora ainda não se sintam seguros e confortáveis, pela questão da formação, da responsabilidade e dos limites e organização do estágio.

O profissional do serviço de saúde ao exercer a atividade de preceptoria sente-se, muitas vezes, perdido ou confuso, ao deparar-se com uma demanda para a qual não foi preparado. O preceptor do curso de Odontologia encontra um ambiente institucional que lhe cobra uma atuação profissional e também uma atuação docente para responder a necessidade do próprio sistema de saúde e a necessidade de formação dos discentes, formando então um novo cenário de atuação onde os novos desafios para sua prática aumentam a cada dia, exigindo do preceptor atualização e compromisso (MISSAKA e RIBEIRO, 2011; BARRETO et al., 2011; ROCHA e RIBEIRO, 2012).

Dentro do contexto das entrevistas, os profissionais de Odontologia ao serem questionados sobre o ser preceptor, muitas vezes citavam o ser docente como equivalentes, apesar também de não conseguirem se enxergar como docentes, eles reconheciam que a preceptoria seria uma atividade docente inata, como observa-se na seguinte fala:

“parecidas com a do docente, passar na prática, é o que geralmente se vê em sala de aula. Preceptor e docente de sala não tem diferença, a diferença só é o ambiente de ensino...” (P1)

Neste sentido, observa-se que os participantes da pesquisa conhecem e compreendem o que é ser preceptor na teoria, embora tenham dúvidas e receios quanto a sua aplicação prática e até sentem-se inseguros e despreparados para tal atividade.

2.4.3 CIRURGIÃO-DENTISTA E PRECEPTOR OU CIRURGIÃO-DENTISTA PRECEPTOR

Dos 12 cirurgiões-dentistas preceptores, cinco também atuam como docentes, três referem algum tipo de formação pedagógica adquirida em programa de mestrado e curso de formação de tutores. No entanto, todos referem não ter recebido capacitação pela Instituição para atuar na preceptoria.

Algumas falas dos preceptores da Odontologia refletem uma prática de preceptoria ainda muito intuitiva e reprodutiva, ou seja, reproduzem os modelos de ensino que aprenderam, assim como acontece nas preceptorias de outros cursos da área da Saúde (MARIA, 1991; MISSAKA, 2011):

[...] eu era instrutora de nível médio dos THD (técnicos de higiene dental) e ACD (auxiliar de consultório dental) do curso do Estado de Odontologia, eu tive um treinamento sobre prática pedagógica (...) Pra ser preceptora dos alunos da Odonto não, no dia a dia, não, nenhum curso(P1)[...]não me recorde de nada voltado pra docência(...) pedagogicamente talvez não, mas eu me considero capacitado do ponto de vista de ter boa intenção, de ter a boa vontade, de ter disponibilidade, mas a parte pedagógica eu não sei nem avaliar(P3)

[...]Pedagogicamente não, porque eu não tenho noção justamente do que eu vou e como orientar(P6)

[...]a relação preceptor com aluno talvez a gente precisasse fazer um curso

“Eu acho que precisaria de uma formação, de uma capacitação dos profissionais que vão receber os estagiários e uma conscientização por parte da coordenação pra valorizar a importância deles estarem vindo pra cá”. (P7)

[..]eu não tenho nenhuma formação dessa parte de docência(P8)

[...]Formação sobre prática pedagógica da preceptoria nunca tive nenhuma formação específica, mas eu tive a formação da parte pedagógica educacional no mestrado(P9)

[...]eu não tenho nenhum curso, nenhuma formação(P10)

Alguns ainda demonstram a sua insatisfação e despreparo para exercer tal atividade:

*[...]na verdade como eu não fui orientada, eu faço o meu trabalho.
(P6)*

[...]um trabalho injusto pra mim como preceptor, porque eu não consigo passar para o estagiário (P9)

Toda atividade de ensino, seja ela a docência dentro dos muros da Universidade ou desenvolvida através das preceptorias do serviço, exige comprometimento e responsabilidade. De acordo com Freire (1996), ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é este. É pensando criticamente a prática que se pode melhorar.

Não só verbalizando, mas também em suas expressões corporais os entrevistados demonstraram sua insatisfação com a falta de um treinamento prévio ao estágio, deixando explícito o interesse em participar de momentos de treinamento. Alguns deles até se mostraram insatisfeitos e até contrariados por estarem atuando como preceptores, por diversos motivos. O preceptor (P6) mostrou-se desinteressado em receber os discentes, e desconfortável por se sentir obrigado a isso. Já o P9 mostrou-se insatisfeito porque, segundo ele, a falta de treinamento prévio impedia o desenvolvimento de um bom estágio.

“enriqueceria muito o estágio dos acadêmicos se os preceptores tivessem a formação” (P3)

“deveria ter uma capacitação, tipo uma aula teórica pra gente ter noção do que a gente de como orientar mesmo” (P6)

“Eu acho que precisaria de uma formação, de uma capacitação dos profissionais que vão receber os estagiários e uma conscientização por parte da coordenação pra valorizar a importância deles estarem vindo pra cá...”(P7)

As DCN (BRASIL, 2002) e o PPC (UFAL, 2007) sugerem que, no exercício da preceptoria em Odontologia, ocorra comprometimento dos profissionais envolvidos e criação de momentos de formação e capacitação para desenvolver as atividades de forma segura e com competência que permita auxiliar os discentes no aprendizado na prática do estágio extramuros. Como já afirmava Freire (1996), toda atividade de

ensino exige competência profissional, segurança, generosidade e comprometimento por parte dos profissionais envolvidos com sua própria formação.

Além dessa necessidade de formação, o que foi colocado pelos entrevistados é a falta de experiência com a docência. Apesar de cinco entrevistados atuarem como docentes, todos relataram que usam a sua experiência profissional para embasar sua atuação na preceptoria. Quando os entrevistados se dizem preparados para a preceptoria eles acabam falando em relação a sua experiência clínica em realizar os atendimentos conforme observa-se nas falas:

[...]Jeu me sinto preparado por conta da experiência que eu já tenho, mas por formação pra isso (preceptoria), não (P1)

[...]Jeu me considero capacitado do ponto de vista de ter boa intenção, de ter a boa vontade, de ter disponibilidade, mas a parte pedagógica eu não sei nem avaliar (P3)

[...]Jeu uso um pouco da parte científica que eu passo pra eles, mas pedagógica não, até porque eu não tenho essa orientação(P6)

[...]Jeu não tenho nenhum curso, nenhuma formação(...) Há dez anos recebo os estagiários e nunca tive nenhuma formação, nada (P10)

[...]Nunca recebi nada de formação(...) tá faltando um pouquinho mais de capacitação, de dedicação (P12)

Ao justificarem suas falas sobre se sentir capacitado para a preceptoria, a grande maioria justificou com sua experiência clínica e/ou docente em sala de aula e decorrente de programa de pós-graduações relacionadas a Odontologia, mas em nenhum momento eles expuseram que se sentiam confortáveis em receber os discentes por terem recebido um treinamento pedagógico específico para preceptoria.

De acordo com a Portaria Interministerial nº 1.124, de 4 de agosto de 2015, compete às IES oferecer aos profissionais da rede de serviços oportunidades de formação e desenvolvimento que contribuam com a qualificação da assistência, da gestão, do ensino e do controle social na saúde, com base na Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Além de fomentar ações de valorização e formação voltada para os preceptores, tais como inclusão em pesquisas (como pesquisadores), certificação da atividade de preceptoria, apoio à participação em atividades como cursos, congressos, dentre outros, que deverão estar explicitados

nos contratos organizativos de Ação Pública de Ensino-Saúde - COAPES - (BRASIL, 2015).

Outros preceptores, como o P1 e P6 em suas falas, demonstram estar mais seguros por entender que a formação científica que tinham já era suficiente para prepará-los para a preceptoria, como se observa em suas falas:

“Particularmente eu me acho, porque com tantas pós-graduações sempre foi passado um pouquinho do que é uma prática pedagógica pra os alunos, eu me sinto preparado por conta da experiência”.(P1)

[...]eu tenho assim pelo meu conhecimento eu posso passar o que eu sei, meu conhecimento científico ou prático mesmo, é como às vezes eu digo a eles.(P6)

Já outros como P3, P10, P12 demonstraram receio e insegurança pelo fato de que, segundo eles, a falta do treinamento voltado para o estágio faria diferença na sua forma de trabalhar com os discentes.

[...] acredito que enriqueceria muito o estágio dos acadêmicos se os preceptores tivessem a formação (P3)

“ Eu acho sim que há necessidade, mas a gente não tem nenhuma orientação de como a gente fazer isso, de seguir alguma linha, algum caminho”.(P10)

[...]eu nunca trabalhei desse lado aí, de como sendo o preceptor. Nunca recebi nada de formação. Para que a gente recebesse os alunos não fizeram nenhum treinamento (P12)

Nesse contexto, podemos questionar e refletir sobre a forma como a educação permanente em Saúde vem atuando, de que forma os polos de Educação permanente e programas como o Pró-saúde vem incentivando e articulando mudanças nas formas de ensino na área da Saúde e reorientando os profissionais para se adequar as recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Odontologia.

A portaria interministerial nº 1.124, de 4 de agosto de 2015, surge para tentar dar resposta a essa necessidade em toda a área da saúde, com a instituição das diretrizes para a celebração do COAPES, visando garantir o acesso a todos os estabelecimentos de saúde e estabelecer as atribuições das partes relacionadas ao funcionamento da integração ensino-serviço-comunidade (BRASIL, 2015).

A necessidade de um treinamento para preceptor é senso comum dentro da Odontologia. Neste trabalho, nenhum dos preceptores, apesar de cinco serem

docentes, tinha formação específica para preceptor de estágio, sendo assim nota-se uma lacuna em termos de capacitação e formação dos preceptores que atuam na rede básica, o que não é algo exclusivo da Odontologia.

2.4.4 ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

De acordo com o Artigo 7º das DCN “A formação do Cirurgião-Dentista deve garantir o desenvolvimento de estágios curriculares, sob supervisão docente”. Este estágio deverá ser desenvolvido de forma articulada e com complexidade crescente ao longo do processo de formação. Na prática, o que ocorre é que muitos cirurgiões-dentistas ainda não conhecem a obrigatoriedade de sua atuação como preceptor ao estar inseridos em serviços públicos de Saúde.

O estágio curricular supervisionado faz parte da formação acadêmica dos cursos da área da Saúde. Com as mudanças nas DCN, os cursos de Odontologia precisaram se adequar e organizar a realização desse estágio ofertado aos discentes do último período do curso em serviços públicos de saúde, visando que os mesmos possam fazer uma vivência do trabalho dentro do SUS. Na IES estudada esse estágio é denominado “Estágio Extramuros” como consta no PPC (UFAL, 2007).

A lei de estágio (BRASIL, 2008) vem tratar da definição, classificação e relações de estágio, das obrigações das IES e da parte concedente de estágio. Trazendo a figura do preceptor como parte efetiva do estágio, devendo este supervisionar, orientar no serviço. O preceptor com formação ou experiência aqui deverá ser indicado pela parte concedente (gestor do serviço), o que caracteriza um avanço porque dá a orientação de como esses estágios irão ocorrer.

O estágio extramuros promove a criação de uma diversidade de cenários de aprendizagem, aproximando os discentes às reais condições de saúde das comunidades. Bem diferente da realidade que eles encontram na faculdade, por demonstrar que o contexto social proporciona momentos de reflexão e aprendizagem que não seriam obtidos dentro dos muros da Universidade (PALMIER et al., 2012).

O estágio curricular supervisionado surgiu como resposta ao que foi sugerido nas DCN de 2002 no seu artigo 7º “A formação do Cirurgião-dentista deve garantir o desenvolvimento de estágios curriculares, sob supervisão docente” e na lei de estágio (BRASIL, 2008), sendo concretizado pela criação do Estágio Extramuros contido no PPC do Curso de Odontologia com o objetivo de vivenciar experiências práticas nos diversos setores do SUS.

Foi frequentemente relatado que o estágio seria o acompanhamento da rotina diária do profissional, sem nenhum direcionamento para quais competências deveriam ser adquiridas. Apenas alguns dos preceptores relataram propiciar momentos de reflexão e discussão de casos durante o estágio, conforme observa-se nas falas:

[...]não tem um planejamento direcionado, é o que vai acontecer no dia a dia(...).não tem uma preparação planejada, certinha não, não tem um plano, é mais assim uma coisa do senso comum do que ocorre no dia a dia
(P1)

[...]não preparo nada específico, eles chegam já tem os pacientes agendados e eles ficam me acompanhando.(P2)

[...]eu não tenho alterado em nada a minha rotina, a gente tenta colocar o acadêmico para se adaptar a nossa rotina. (P3)

[...]Na realidade eu não organizo, não organizo. É uma prática contínua, mas sem uma fundamentação nas vivências anteriores. (P9)

[...]a gente mostra como é o trabalho da gente, coloca também pra trabalhar.(P10)

Outro ponto de discussão foi a duração do estágio, que foi considerado curta na opinião dos preceptores, verificado nas falas:

[...] hoje esses meninos passam dois meses. Dois meses não dá tempo de ver nada porque dois meses além de ser um espaço de tempo muito curto, tudo pode acontecer, uma falta de energia, uma unidade fechada, um feriado, então eles já vão perdendo dias também de ensino, eu acho que o tempo é curto, entendeu ?”. (P1)

[...] eu acho que deveria aumentar o período do estágio desde o início; dois meses de estágio que a UFAL oferece são pouco. (P2)

[...] minha sugestão era que aumentar um pouco o tempo do estágio, dois meses é realmente insuficiente. (P12)

Em relação ao planejamento do estágio extramuros os preceptores entrevistados demonstraram não existir uma organização prévia compartilhada. O que se fazia com os discentes era deixá-los acompanhar suas atividades de rotina na unidade de saúde. Alguns dos entrevistados mostraram preocupação com essa falta de planejamento. Por outro lado, outros como P3 e P9 demonstraram não ter interesse nesse planejamento e afirmam não mudar sua rotina de atividades e outras atividades pedagógicas.

Nessa categoria com a descrição de como é realizado estágio extramuros, foi unanimidade a falta de planejamento prévio em conjunto do estágio. Os preceptores referiram falta de orientação para a prática do estágio e o acolhimento dos discentes.

2.4.5 ENTRAVES NA INTERAÇÃO ENSINO-SERVIÇO

Nesta categoria evidencia-se como ocorre a questão dos vínculos institucionais do estágio extramuros.

Os preceptores referem não ter conhecimento de quando ou como se deu o vínculo do município com a Universidade, e que não foram informados que estariam recebendo discentes da Instituição de Ensino Superior.

A partir da publicação das DCN para os cursos de Odontologia, os mesmos buscaram uma reformulação para atender a tais recomendações criando, junto com sua coordenação e professores, o Projeto Político Pedagógico do curso que depois veio a ser o Plano Pedagógico do Curso que já contempla, dentro da graduação, o estágio extramuros que ocorre nas unidades de Saúde vinculadas a instituição de ensino, no último período do curso. Este PPC, apesar de já avançar e prever a atividade de Preceptoria, é um documento muito superficial e acaba muitas vezes apenas reproduzindo o que se encontra nas DCN.

Deve-se ressaltar, que apesar de ser um avanço, o PPC para por aí. Em nenhum momento tem-se que o ensino irá interagir com o serviço para que esta preceptoria ocorra, e aí se instala uma lacuna em que ficam perdidos os discentes e o próprio estágio extramuros.

Porém, os preceptores demonstraram sentir necessidade de um vínculo mais estreito com a instituição formadora, uma relação mais compartilhada, com

momentos em que eles pudessem esclarecer suas dúvidas, e serem informados do desenvolvimento do estágio.

[...]Tem que haver um vínculo, uma conexão entre os dois, entre sala de aula e a prática do dia a dia (...) o vínculo da UFAL formalizado só pra receber os alunos, sem capacitação pra gente (...) deve ser complementada no que a universidade pode acompanhar os preceptores.(P1)

Em relação ao vínculo institucional do estágio extramuros os preceptores desconheciam a existência de um documento comprobatório da existência de um vínculo formal entre a Universidade e as Unidades de Saúde dos municípios integrantes do estágio. Porém de acordo com o relato do docente responsável pelo estágio, o vínculo se dá de maneira formal e ocorre por meio da assinatura de um convênio firmado entre a faculdade de Odontologia e os gestores dos municípios envolvidos, neste caso os prefeitos, secretários municipais de saúde e coordenadores de saúde bucal.

Pode-se constatar que esse vínculo não existia anteriormente, e por um longo período os estágios ocorriam na informalidade. No momento da pesquisa apenas 2 dos 3 municípios já tinham assinado esse convênio. Dos municípios participantes da pesquisa que tinham convênio assinado no momento da pesquisa, o mais antigo era de 2013, o que é recente se for considerado que o PPC que foi implantado em 2007 já previa a ocorrência dos estágios extramuros.

Este fato demonstra a fragilidade do estágio extramuros e sua organização. A ausência e o desconhecimento de um mecanismo de institucionalização e/ou convênio, entre o serviço e a instituição, gera um conflito de deveres, direitos e limites no planejamento do estágio. Quando se analisa o PPC do curso também se visualiza essa fragilidade já que a questão dos estágios supervisionados obrigatórios são citados de forma muito superficial. E, uma análise mais aprofundada do PPC não mostra previsão para um treinamento de preceptores do serviço.

Isso remete a falta de incentivo pela Instituição de Ensino, como ofertar cursos de capacitação para preceptores, cursos de atualização, mudança de rotina dos atendimentos efetuados por eles e até incentivos financeiros como nas falas a seguir:

[...]falta um certo incentivo, no caso falta esse contato, que teria que se aproximar, de repente, um pouco mais dos preceptores, eu sinto sim essa lacuna, existe um espaço e no meio deles tão os alunos.(P5)

[...]Não recebi não nem da universidade nem daqui, acho que seria interessante, incentivo de qualquer natureza, desde um simples curso que oferecessem pra gente pra ter mais segurança de como proceder com o acadêmico já era um incentivo.(P8)

De acordo com Santos et al. (2013) o preceptor necessita de apoio e de uma legislação justa que regulamente a preceptoria, suas atividades, carga horária, direitos, deveres e funções. Sugere ainda a criação de uma associação brasileira de preceptores para dar suporte a dúvidas, denúncias e informações.

Soares et al. (2013) diz que a ausência de regulamentação para solidificar a preceptoria resulta na fragilização da relação entre instituição de ensino e profissionais da rede e somente a regulamentação nacional facilitaria o planejamento e andamento dos estágios.

Neste momento das entrevistas, foi possível observar que os preceptores se sentiam desprestigiados, distantes da academia e desvalorizados em sua cooperação com a formação dos discentes. Alguns mostraram até uma inquietação e indignação com o fato de não terem tido um momento de reflexão e orientação sobre a preceptoria. Um interesse geral em participar de momentos de treinamento e reflexão das práticas e até de partilha e trocas de experiências perpassa vários momentos na entrevista.

Ao falar sobre o vínculo ficou evidente que muitos preceptores nunca tiveram qualquer contato com a Universidade para troca de informações, para momentos de reflexão dos estágios ou até mesmo para sanar dúvidas.

Um dos pontos frequentemente relatados e que reflete diretamente no transcorrer do estágio, foi a forma como se deram os vínculos entre os municípios e o curso de Odontologia da IES. Os preceptores relataram a falta de comunicação entre a academia e o serviço no sentido do envio dos discentes e o papel da preceptoria. Não existe discussão sobre o impacto da preceptoria dentro do serviço e sobre os fatores facilitadores ou dificultadores do estágio.

2.5 Considerações Finais

A prática pedagógica desenvolvida pelos preceptores ainda é incipiente e descontextualizada, embora já se observe alguma mudança de pensamento e postura em relação à preceptoria. Os preceptores têm essa percepção e demonstram preocupação com a formação do discente e sentem necessidade de treinamento específico para a preceptoria.

Os cirurgiões-dentistas enquanto preceptores acabam reproduzindo no exercício da preceptoria uma formação sem espaço para reflexões ou grandes trocas de conhecimento, superestimando apenas o “passo a passo clínico”.

Apesar das DCN colocarem como prioridade a formação do Odontólogo voltado para o SUS e sugerir o perfil do profissional, que deve cooperar com o treinamento e estágio das futuras gerações, ainda é desconhecido por alguns preceptores que, todo profissional que ingressa no serviço público, tem o dever de auxiliar na formação destes discentes.

Alguns preceptores ainda não aparentam estar cientes da obrigatoriedade e da importância do seu papel e função de preceptor ao estar inserido nos serviços públicos de saúde, o que em alguns casos resulta em prejuízos ao andamento dos estágios.

Dificuldades de enxergar o ser docente na sua função de preceptor, falta de estímulo e de perfil para a atuação nesta função são alguns dos desafios a serem vencidos para que os profissionais da Odontologia consigam realizar a preceptoria em serviço. Além disso, a necessidade de vencer seus receios e insegurança para desenvolverem a preceptoria de forma mais tranquila.

Há uma fragilidade do estágio extramuros e na sua organização: ausência de um mecanismo de institucionalização entre a IES e o Serviço gera um conflito de deveres, direitos e limites no planejamento do estágio. Por isso, a necessidade de estreitar os vínculos com a Instituição, através de parcerias e comunicações efetivas, planejamento e orientação quanto ao andamento dos momentos de estágio de forma geral.

Para buscar uma transformação nesse cenário ou melhoria no desenvolvimento da preceptoria, sugerimos: 1) Formação permanente do profissional do serviço para atuação como preceptor; 2) Planejamento conjunto das ações com os serviços e IES, sensibilizando-os a se fazerem parte integrante desse processo; 3) Criação de momentos de formação e reflexão das práticas de preceptoria, visando a partilha de experiências, receios, medos e fortalecimento do vínculo; 4) Fortalecimento do vínculo formal entre a IES e as unidades de saúde envolvidas através da participação dos preceptores em todo o processo.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2011.

BARRETO, Vitor Hugo Lima et al . Papel do preceptor da atenção primária em saúde na formação da graduação e pós- graduação da Universidade Federal de Pernambuco: um termo de referência. **Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v. 35, n. 04, dic.** 2011. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-52712011000400019&lng=es&nrm=iso>. Acessado em maio de 2014.

BENTES, Alessandra et al. Preceptor de Residência Médica: Funções, Competências e Desafios. A Contribuição de quem valoriza porque percebe a Importância: Nós Mesmos!. **Cadernos da ABEM**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica vol. 9, p.32-38, Out. 2013.

BOTTI, Sérgio Henrique de Oliveira; REGO, Sérgio. Preceptor, supervisor, tutor e mentor: quais são seus papéis? **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro , v. 32, n. 3, Set. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022008000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 Jun 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022008000300011>.

BOTTI, Sérgio Henrique de Oliveira; REGO, Sérgio Tavares de Almeida. Docente-clínico: o complexo papel do preceptor na residência médica. **Physis**, Rio de Janeiro , v. 21, n. 1, p. 65-85, 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312011000100005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20 de agosto 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312011000100005>.

BRASIL, Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3, de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia**. Diário Oficial União. 04 mar 2002 ;Seção1:10. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES032002.pdf>

BRASIL. **Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória n. 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 set. 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Portaria interministerial nº 1.124, de 4 de agosto de 2015. Institui as diretrizes para a celebração dos contratos organizativos de**

ação pública ensino-saúde (COAPES), para o fortalecimento da integração entre ensino, serviços e comunidade no âmbito do sistema único de saúde (sus). Diário Oficial da União. Nº148. DOU 05/08/15; Seção 1. p.193.

CECCIM, Ricardo Burg. Educação Permanente em Saúde: descentralização e disseminação de capacidade pedagógica na saúde. **Ciências Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p.975-986, Dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000400020&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 15 Jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000400020>.

CERQUEIRA, Paula. A formação pedagógica de preceptores dos estudantes da área da saúde: uma conversa em três tempos. In: BRANT, Victoria (Org). **Formação Pedagógica de Preceptores do Ensino em Saúde**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, p.67-75, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LUDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MARIA, Vânia Oliveira Santos; SILVA, Maria Virginia Godoy da; BERARDINELLI, Lina Márcia Migués. Preceptoría: elo da integração docente assistencial - suporte para o internato de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 44, n. 1, p. 49-54, Mar., 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671991000100009&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 15 de março de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71671991000100009>.

MISSAKA, Herbert; RIBEIRO, Victoria Maria Brant. A preceptoría na formação médica: o que dizem os trabalhos nos congressos Brasileiros de educação médica 2007-2009. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, Set., 2011.

MISSAKA, Herbert Ribeiro. **A Prática Pedagógica dos Preceptores do Internato em Emergência e Medicina Intensiva de um Serviço Público Não Universitário**. Dissertação (Mestrado), 2010. 66f. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2010.

MORSE, Janice M.; FIELD, Peggy Anne. **Qualitative research methods for health professionals**. 2. ed. London: Sage Publications, 1995.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa - Características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo. v.1, n.3, 1996.

PALMIER, A.C.; AMARAL, J.H.L.; WERNECK, M.A.F.; SENNA, M.I.B.; LUCAS, S.D. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Rio de Janeiro , v. 36, n. 1, supl. 2, Mar. 2012

ROCHA, Hilda Cristina; RIBEIRO, Victoria Brant. Curso de formação pedagógica para preceptores do internato médico. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 03, set. 2012. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-52712012000500008&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 05 de outubro de 2014.

SANTOS, Alex Caetano dos.et al. Competências da Preceptoría na Residência Médica. **Cadernos da ABEM**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica, vol. 9, p.40-45, Out. 2013.

SARRETA, Fernanda de Oliveira. **Educação permanente em saúde para os trabalhadores do SUS**. São Paulo: Cultura Acadêmica da Fundação UNESP, v.1.252f. 2010.

SILVA, Adarita Souza da; MOREIRA, Solange Mary Santos. **Os Saberes Docentes ara a Prática Pedagógica de Alunos com Necessidades Educativas Especiais na Escola Regular**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014.

SOARES, Ângela Claudia Paixão et al. A Importância da Regulamentação da Preceptoría para a Melhoria da Qualidade dos Programas de Residência Médica na Amazônia Ocidental. **Cadernos da ABEM**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica, vol. 9, p.14-22, Out. 2013.

STAKE, Robert E. The case study method in social inquiry. In DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The American tradition in qualitative research**. vol.2. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2001.

TRAJMAN, Anete; ASSUNÇÃO, Naima; VENTURI, Monique; TOBIAS, Diogo; TOSCHI, Walria; BRANT, Victoria. A preceptoría na rede básica da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro: opinião dos profissionais de Saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Rio de Janeiro , v. 33, n. 1, Mar. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022009000100004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20 set. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022009000100004>.

TOZETTO, Susana Soares; DE SÁ GOMES, Thaís. A prática pedagógica na formação docente. **Reflexão e Ação**, v. 17, n. 2, p. 181-196, 2009.

UFAL, **Projeto Político Pedagógico do curso de Odontologia da Universidade Federal de Alagoas**. Maceió, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática.** 2 ed. Campinas: Papirus, 1992.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso – Planejamento e Método.** 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.

3 PRODUTOS DE INTERVENÇÃO

3.1 PRODUTO DE INTERVENÇÃO 1: Relatório Técnico da pesquisa: ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA: um olhar para a prática pedagógica dos preceptores de estágio.

3.1.1 Apresentação do Relatório Técnico

A pesquisa intitulada **‘ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA: um olhar para a prática pedagógica dos preceptores de estágio’** realizada com os preceptores do curso de graduação em Odontologia da Universidade Federal de Alagoas, proporcionou a elaboração de um relatório técnico da pesquisa como produto de intervenção, a ser apresentado aos integrantes da direção, coordenação do curso e Núcleo de Docente Estruturante (NDE) do curso.

Os resultados da pesquisa indicaram a necessidade de mudanças no atual contexto da preceptoría em Odontologia. Aproximar a IES dos preceptores e fortalecer os vínculos entre eles se torna uma necessidade e um desafio a ser vencido. A realização de um planejamento prévio dos momentos de estágio entre os preceptores que atuam nos serviços de saúde e os docentes do curso responsáveis pelo estágio extramuros, assim como uma formação e treinamento voltado à prática pedagógica desses preceptores nesses ambientes de aprendizagem são algumas das medidas que precisam ser discutidas e implantadas.

Na lei de estágio de 2008 (BRASIL, 2008), observa-se que o plano de estágio deve envolver as 3 partes: educando, IES e parte concedente. As três partes terão de assinar o termo de compromisso de estágio. São obrigações da IES: indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário.

A partir da pesquisa, constatou-se a preocupação do preceptor em relação à formação e treinamento para a prática pedagógica, assim como em relação ao planejamento e duração do estágio. Dessa forma, viu-se que, para que o estágio extramuros consiga alcançar seus objetivos e favorecer a formação dos discentes, faz-se necessário uma remodelação do estágio, fortalecimentos dos vínculos, formação e planejamento dos momentos de estágio.

Conseqüentemente, a elaboração do relatório técnico e sua apresentação junto ao curso de Odontologia da FOUFAL se apresentam como uma forma de

viabilizar a interação entre os atores envolvidos no processo e sensibilizar a IES para estes dados.

Os objetivos do Relatório Técnico são: Promover discussões sobre a atual situação da preceptoria em Odontologia dentro do NDE e junto à direção e coordenação do curso; Proporcionar diálogo e uma maior aproximação entre os cenários de prática e a instituição de ensino; Sugerir a criação de espaços de discussão e diálogo entre discente, docente, e preceptores de estágio e gestores dos serviços de saúde; Informar à direção do curso de Odontologia da FOUFAL, à coordenação do curso, ao NDE, gestores e docentes, os resultados obtidos na pesquisa através da entrega impressa do relatório técnico e de sua apresentação oral; Realizar a discussão/ reflexão sobre os resultados da pesquisa após a apresentação do relatório técnico.

O relatório foi elaborado e apresentado ao Núcleo Docente Estruturante do curso de Odontologia no dia 14 de setembro de 2016 (Anexo 2), dentro da pauta da reunião semanal do NDE. Foi realizada a entrega do relatório a cada membro do NDE, e em seguida realizada a apresentação oral do relatório.

Após a apresentação, realizou-se um momento de discussão e reflexão acerca dos dados apresentados, e foi solicitada uma nova apresentação, com a presença de um representante da Pró-Reitoria de Graduação e de todo o Colegiado do curso.

Os professores presentes ressaltaram a importância dos dados do relatório e a necessidade de se discutir e buscar estratégias para solucionar os entraves apontados pela pesquisa, mostrando interesse em transformar a realidade da preceptoria na FOUFAL.

3.1.2 Relatório técnico da Pesquisa.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE MEDICINA**



MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA SAÚDE

EMANUELLE TENÓRIO DE OLIVEIRA

**RELATÓRIO TÉCNICO CIENTÍFICO
ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA:**

um olhar para a prática pedagógica dos preceptores de estágio

Maceió/AL

2016

EMANUELLE TENÓRIO DE OLIVEIRA

ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA:
um olhar para a prática pedagógica dos preceptores de estágio

Relatório técnico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de mestre no programa de Mestrado Profissional em Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas.

Maceió/AL

2016

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada “**ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA**: um olhar para a prática pedagógica dos preceptores de estágio” realizada com os preceptores do curso de graduação em Odontologia da Universidade Federal de Alagoas, proporcionou a elaboração de um relatório técnico da pesquisa como produto de intervenção, que foi apresentado aos integrantes da direção e coordenação do curso, assim como ao Núcleo de Docente Estruturante (NDE) do curso.

Os resultados da pesquisa indicaram a necessidade de mudanças no atual contexto da preceptoria em Odontologia. Aproximar a IES dos preceptores e fortalecer os vínculos entre eles se torna uma necessidade e um desafio a ser vencido. A realização de um planejamento prévio dos momentos de estágio entre os preceptores que atuam nos serviços de saúde e os docentes do curso responsáveis pelo estágio extramuros, assim como uma formação e treinamento voltados à prática pedagógica desses preceptores nesses ambientes de aprendizagem são algumas das medidas que precisam ser discutidas e implantadas.

Na lei de estágio de 2008 (BRASIL, 2008), observa-se que o plano de estágio deve envolver as 3 partes: educando, IES e a parte concedente. As três partes terão de assinar o termo de compromisso de estágio. É obrigação da IES: indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário.

Nesta atuação, os preceptores são educadores e devem estar aptos a ensinar e a auxiliar os discentes, além de motivá-los, inspirando e influenciando positivamente na formação destes, a partir das práticas diárias, interligando com a realidade, por meio da reflexão, do diálogo e da participação.

A formação dos recursos humanos em Saúde, no Sistema Único de Saúde (SUS), vem sendo realizada e incentivada pela criação dos polos de educação permanente, e com a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2002), de forma a incentivar a articulação entre ensino e serviço, visando modificar a forma de ensino na área da saúde.

É imprescindível que os preceptores de estágio estejam aptos a desempenhar seu papel, e a educação permanente dos profissionais se torna a prática capaz de

levá-los às atualizações e experiências de outros profissionais (CECCIM, 2005; SARRETA, 2010).

Com a resolução do Conselho Nacional de Educação CNE/CES Nº 3, de 19 de fevereiro de 2002, foram instituídas as DCN do curso de graduação em Odontologia do (BRASIL, 2002), colocando como prioridade a formação do Cirurgião-Dentista voltada para o SUS do país, ressaltando nesta formação a garantia dos estágios curriculares supervisionados com carga horária mínima de 20% da carga horária total do curso.

Para atender as normas preconizadas nas DCN (BRASIL, 2002) para os cursos de Odontologia no Brasil, o Projeto Pedagógico do Curso de Odontologia da UFAL de 2007 (UFAL, 2007) coloca como um de seus objetivos a formação de um cirurgião-dentista, generalista, humanista, com visão crítica e reflexiva para atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com base no rigor técnico e científico.

O PPC da Odontologia (UFAL, 2007) traz que os cirurgiões-dentistas deverão ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na prática. Desta forma, os profissionais de saúde deverão aprender a aprender, ter responsabilidade e compromisso com a sua educação além de cooperar com o treinamento e/ou estágio das futuras gerações de profissionais, para que haja benefício mútuo entre os futuros profissionais e os dos serviços.

Com a criação da lei de estágio (BRASIL, 2008) temos a criação do plano de estágio em 3 partes, com envolvimento da Instituição de Ensino Superior, através da coordenação de estágio e do docente orientador, do discente e da parte concedente formada pelo serviço de saúde com seu preceptor supervisor.

O profissional Cirurgião-Dentista atua como preceptor dentro de seu ambiente de trabalho e estritamente ligado à sua área no momento de prática clínica. Esta preceptoria ocorre por um curto período de tempo, já que de acordo com o PPC, o estágio “extramuros” só ocorre no 10º período do curso, no último semestre do curso e com isso os discentes passam pela preceptoria por grupos em períodos não superiores a 3 meses, o que muitas vezes dificulta o desenvolvimento dos momentos de estágio.

O preceptor de estágio é uma figura de destaque na formação dos discentes e que tem como papel diminuir a distância entre o campo teórico e prático, este trabalho surge das experiências profissionais, principalmente no que diz respeito à

prática pedagógica do preceptor, suas funções e papel na construção do saber no campo da prática (CERQUEIRA, 2011).

Assim, propôs-se nesta pesquisa conhecer a atuação da preceptoria em Odontologia, analisando a percepção dos preceptores cirurgiões-dentistas sobre sua função e prática pedagógica.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. OBJETIVO

Este estudo propôs conhecer a atuação da preceptoria em Odontologia, analisando a percepção dos preceptores cirurgiões-dentistas sobre sua função e prática pedagógica.

2.2 METODOLOGIA

Foi realizado um estudo de caso com abordagem qualitativa com o universo de 12 preceptores da FOUFAL.

Os dados foram coletados no período de abril a julho de 2015. Para a construção dos dados foram utilizadas mais de uma fonte de evidências de dados, as entrevistas individuais, a observação em campo e também a análise documental.

As entrevistas foram realizadas, na maioria dos casos, nas Unidades de saúde onde os cirurgiões-dentistas preceptores atuavam durante seu horário de trabalho, apenas 3 participantes foram entrevistados em seus consultórios particulares a pedido dos mesmos. Nesta pesquisa optou-se pela entrevista individual, visando também a observação participante no ambiente de trabalho de cada preceptor em si.

As entrevistas foram gravadas em áudio e registros manuais feitos pelo observador em um diário de campo. Durante o período da entrevista foi possível observar os preceptores em seu ambiente natural de trabalho e sua maneira de conduzir o trabalho e expressões corporais durante os questionamentos.

Após a coleta dos dados, as entrevistas foram transcritas e categorizadas através da técnica de análise de conteúdo. As categorias para análise dos dados emergiram da leitura do inventário das falas. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas (Parecer nº 1.026.822).

2.3. RESULTADOS

Os 12 Cirurgiões-dentistas que atuavam como preceptores vinculados aos municípios que recebiam os discentes da Faculdade de Odontologia da UFAL aceitaram participar da pesquisa. Na caracterização destes preceptores observou-se que cinco dos 12 entrevistados são docentes na graduação ou em cursos de especialização e ou atualização em odontologia. No entanto, nenhum com treinamento e desenvolvimento docente para preceptoria.

Da análise dos dados resultaram duas categorias principais: Prática Pedagógica e Estágio Curricular Supervisionado. As falas refletiam certa confusão sobre o significado do que é prática pedagógica, porém eles se mostravam genuinamente interessados e preocupados em buscar alternativas para melhorar os momentos de preceptoria. O preceptor do curso de Odontologia, que se coloca como aquele que ensina a partir de sua prática profissional, sem ter tido a formação pedagógica para isso, atua na função de docente sem ter tido contato prévio sobre os saberes didáticos e pedagógicos.

Os próprios cirurgiões-dentistas nas suas falas e expressões expuseram essa ideia, de se ter de repente a necessidade de atuar como “Docente” na prática clínica diária, e ao mesmo tempo demonstravam as suas inseguranças se realmente seria função deles essa atuação, e até onde ela iria.

É importante frisar que ao responder sobre as funções do preceptor, mesmo existindo receios, eles demonstraram clareza em suas opiniões, refletindo um conhecimento ainda que empírico sobre suas funções ao exercer a preceptoria. Muitas dúvidas e receios entre os preceptores giravam em torno de saber os limites de sua atividade como preceptor, quais seus reais deveres com os seus discentes e até que ponto eles podem interferir na formação dos discentes.

Nas suas falas eles demonstram conhecer e compreender o que é ser preceptor na teoria, embora tenham dúvidas e receios quanto a sua aplicação prática e até sentem-se inseguros e despreparados para tal atividade. Refletindo uma prática de preceptoria ainda muito intuitiva e reprodutiva, ou seja, reproduzem os modelos de ensino que aprenderam,

Os entrevistados também demonstraram sua insatisfação com a falta de um treinamento prévio ao estágio, deixando explícito o interesse em participar de momentos de treinamento.

O estágio curricular supervisionado surgiu como resposta ao que foi sugerido nas DCN de 2002 no seu artigo 7º *“A formação do Cirurgião-Dentista deve garantir o desenvolvimento de estágios curriculares, sob supervisão docente”* e na lei de estágio (BRASIL, 2008), sendo concretizado pela da criação do Estágio Extramuros contido no PPC do Curso de Odontologia com o objetivo de vivenciar experiências práticas nos diversos setores do SUS.

Foi frequentemente relatado que o estágio seria o acompanhamento da rotina diária do profissional, sem nenhum direcionamento para quais competências deveriam ser adquiridas. Apenas alguns dos preceptores relataram propiciar momentos de reflexão e discussão de casos durante o estágio.

Em relação ao planejamento do estágio extramuros, os preceptores entrevistados demonstraram não existir uma organização prévia compartilhada. O que se fazia com os discentes era deixá-los acompanhar suas atividades de rotina na unidade de saúde. Alguns dos entrevistados mostraram preocupação com essa falta de planejamento. Por outro lado, outros demonstraram não ter interesse nesse planejamento e afirmaram não mudar sua rotina de atividades e outras atividades pedagógicas.

Os preceptores referem não ter conhecimento de quando ou como se deu o vínculo do município com a Universidade, e que não foram informados que estariam recebendo discentes da Instituição de Ensino Superior e demonstraram, ainda, sentir necessidade de um vínculo mais estreito com a instituição formadora, uma relação mais compartilhada, com momentos em que eles pudessem esclarecer suas dúvidas, e serem informados do desenvolvimento do estágio, além de uniformização de informações sobre os objetivos de aprendizagem dos alunos nos referidos estágios e critérios de avaliação dos mesmos.

É necessário a implementação do COAPES para garantir os campos de práticas e definir responsabilidades dos atores (IES, gestores dos serviços, preceptores) envolvidos com processo de ensino-aprendizagem em serviço.

3. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A prática pedagógica desenvolvida pelos preceptores ainda é incipiente e descontextualizada, embora já se observe alguma mudança de pensamento e postura em relação à preceptoria. Os preceptores têm essa percepção e demonstram preocupação com a formação do discente e sentem necessidade de treinamento específico para a preceptoria.

Os cirurgiões-dentistas enquanto preceptores acabam reproduzindo no exercício da preceptoria uma formação sem espaço para reflexões ou grandes trocas de conhecimento, superestimando apenas o “passo a passo clínico”.

Dificuldades de enxergar o ser docente na sua função de preceptor, falta de estímulo e de perfil para a atuação nesta função são alguns dos desafios a serem vencidos para que os profissionais da Odontologia consigam realizar a preceptoria em serviço. Além disso, a necessidade de vencer seus receios e insegurança para desenvolverem a preceptoria de forma mais tranquila.

Há uma fragilidade do estágio extramuros e na sua organização. A ausência de um mecanismo de institucionalização entre a IES e o serviço gera um conflito de deveres, direitos e limites no planejamento do estágio. Por isso a necessidade de estreitar os vínculos com a instituição, através de parcerias e comunicações efetivas, planejamento e orientação quanto ao andamento dos momentos de estágio de forma geral.

Para buscar uma transformação nesse cenário e melhorias no desenvolvimento da preceptoria, sugerimos uma formação permanente do profissional do serviço para atuação como preceptor; Planejamento conjunto das ações com os serviços e instituição de ensino, sensibilizando-os a se fazerem parte integrante desse processo; Criação de momentos de formação e reflexão das práticas de preceptoria, visando a partilha de experiências e fortalecimento do vínculo; Fortalecimento do vínculo formal entre a IES e as unidades de saúde envolvidas através da participação dos preceptores em todo o processo; Além de sensibilização dos gestores para a efetivação e fortalecimento dos COAPES (BRASIL,2015)

Portanto, buscamos sensibilizar a IES para olhar a preceptoria de uma forma mais efetiva, buscando a melhoria na formação dos futuros profissionais e acelerar as modificações dentro do estágio extramuros, visando torná-lo muito mais enriquecedor e efetivo, para que através deles as mudanças sociais advindas da interação ensino-serviço-comunidade aconteçam.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3, de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia.** Diário Oficial União. 04 mar 2002 ;Seção1:10. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES032002.pdf>

BRASIL. **Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória n. 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 set. 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Portaria interministerial nº 1.124, de 4 de agosto de 2015. Institui as diretrizes para a celebração dos contratos organizativos de ação pública ensino-saúde (coapes), para o fortalecimento da integração entre ensino, serviços e comunidade no âmbito do sistema único de saúde (sus).** Diário Oficial da União. Nº148. DOU 05/08/15; Seção 1. p.193.

CECCIM, Ricardo Burg. Educação Permanente em Saúde: descentralização e disseminação de capacidade pedagógica na saúde. **Ciências Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p.975-986, Dez. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000400020&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 15 Jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000400020>.

CERQUEIRA, Paula. A formação pedagógica de preceptores dos estudantes da área da saúde: uma conversa em três tempos. In: BRANT, Victoria (Org). **Formação Pedagógica de Preceptores do Ensino em Saúde.** Juiz de Fora: Ed. UFJF, p.67-75, 2011.

SARRETA, Fernanda de Oliveira. **Educação permanente em saúde para os trabalhadores do SUS.** São Paulo: Cultura Acadêmica da Fundação UNESP, v.1.252f. 2010.

UFAL, **Projeto político Pedagógico do curso de Odontologia da Universidade Federal de Alagoas.** Maceió, 2007.

3.2 PRODUTO DE INTERVENÇÃO 2: Blog educacional intitulado “PRECEPTORIA E ODONTOLOGIA”.

3.2.1 INTRODUÇÃO

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) são instrumentos cada vez mais utilizados para difundir informação e possibilitar a comunicação de forma rápida e acessível a todos (DARODA, 2012). O mundo digital tem acelerado as formas de comunicação e acesso às informações de todos os tipos, modificando, inclusive, as formas de viver, pensar e aprender das pessoas.

Perrenoud (2000) já escreve sobre as 10 novas competências para docência, entre elas temos o uso das tecnologias, onde se observa a necessidade de explorar as potencialidades das comunicações à distância e do uso de ferramentas multimídias, além de também do dever do profissional com a sua própria formação contínua.

Fato este que alcança também o modo de ensinar, o fazer e pensar educação, trazendo um grande desafio a todos os profissionais vinculados à área de ensino. Buscar incluir alternativas tecnológicas digitais tem sido uma das formas de se conseguir melhorar os resultados das práticas de ensino. (SILVA et al., 2014).

Porém, não basta usar as tecnologias, é imprescindível usá-las de forma pedagógica, dentro do contexto educacional, favorecendo a qualificação dos profissionais voltados ao ensino.

Masetto (2006) ressalta que o uso de tecnologias deve ter fim de valorizar a aprendizagem e também incentivar a formação permanente, a pesquisa de informação básica e novas informações, o debate, a discussão e o diálogo. Ferramentas tecnológicas como blogs, sites, webpages, são formas de se levar informação de forma rápida, interativa, de baixo custo e de grande alcance e de forma permanente e atualizada.

De acordo com Turchielo e Wunsch (2013) a inserção da formação dos professores e tutores para atuar não é movida por uma exigência de ordem legal, mas por uma necessidade didático-pedagógica, própria de uma

metodologia de ensino, que tem seus paradigmas definidos em propostas pedagógicas inovadoras, e que traz subjacente uma nova compreensão de como ocorrem os processos de ensino e aprendizagem.

Como relata Daroda (2012) o perfil dos alunos e da própria atividade de ensino mudou e, atualmente, perpassa pela necessidade de informação, ações paralelas e múltiplas, cada vez ligadas ao uso das TIC'S.

3.2.2 OBJETIVO

Proporcionar um espaço de formação, discussão e reflexão sobre a atividade da preceptoria, voltados aos profissionais de Odontologia inseridos nos serviços públicos ou privados.

3.2.3 JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento deste trabalho de pesquisa indicou necessidade de se criar espaços de formação, treinamento, esclarecimentos, discussões e reflexões acerca do papel do preceptor com a finalidade de ajudar o cirurgião-dentista no exercício da preceptoria, favorecendo sua atuação. A escolha do uso do blog se dá pelo caráter dinâmico que ele propicia, podendo ter atualizações periódicas, produzindo uma maior interação com o público alvo, visto que o mesmo é uma página interativa, onde as publicações são periódicas e que podem ser escolhidas e sugeridas também pelos preceptores. Ressalta-se ainda que isto é um ponto positivo, pois permitirá que as publicações sejam direcionadas as dúvidas e necessidades dos próprios preceptores que usarem a ferramenta.

3.2.4 METODOLOGIA

A ferramenta utilizada será um blog, uma das ferramentas de comunicação mais populares da internet, que possibilita aos indivíduos publicarem textos na Internet sem a necessidade de ter domínio técnico, de programação ou software.

Inicialmente o blog trará as informações básicas sobre seu objetivo, esclarecimentos sobre o papel e o ser preceptor, conteúdos baseados nas necessidades apontadas pelos preceptores no trabalho de pesquisa, através de uma linguagem acessível e de fácil entendimento. O blog

www.preceptoriaeodontologia.blogspot.com contará com um email (odontopreceptor@gmail.com) próprio como uma de suas ferramentas de comunicação, onde poderão ser enviadas dúvidas, sugestões de temas, discussões e deixar opiniões. De forma a se tornar uma ferramenta dinâmica e interativa, onde o público alvo possa interagir e desencadear reflexões e discussões dos temas.

O blog trará também questões da prática diária dos profissionais da área da saúde, o dia a dia da atividade de preceptoria, através da publicação de relatos de experiências dos próprios preceptores. Para a realização da divulgação desta ferramenta, para atingir os preceptores e profissionais da área optamos pelo envio de e-mails e a colocação de cartazes nas instituições de ensino superior, além da divulgação presencial no curso de Odontologia da FOUFAL a fim de atingir e sensibilizar os professores da instituição de ensino superior na área da saúde para a abordagem da temática.

3.2.5 PÚBLICO ALVO

Profissionais cirurgiões-dentistas e da área da saúde em geral, docentes e alunos de graduação de cursos da área da saúde e da educação.

3.2.6 RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que o blog “Preceptoria e Odontologia” auxilie na formação dos preceptores de uma forma dinâmica e interativa, diminuindo a distância entre os preceptores de várias instituições, e se torne um canal de troca de informações, de formação e comunicação acerca da atividade da preceptoria, tornando-se uma ferramenta interativa que desperte e motive os preceptores a se qualificarem e desempenharem sua função com confiança e segurança.

REFERÊNCIAS

DARODA, Larissa Silva Leitão. **Utilização das tecnologias da informação e comunicação pelos docentes de ensino superior da área da saúde**. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José. Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2006. p.133-173.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SILVA, José Gilberto da; COELHO, Caique Urtado; MOLINA, Carlos Eduardo Corrêa; MEDEIROS, André Luiz. **O uso das novas tecnologias e a mediação pedagógica na percepção de docentes da universidade federal de Itajubá**. ESUD 2014, XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. UNIREDE. Florianópolis- SC. Ago. 2014.

TURCHIELO, Luciana Boff.; WUNSCH, Laura. **As capacitações para EAD na perspectiva dos docentes do ensino superior**. ESUD, 2013, Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Belém/PA,2013.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO ACADÊMICO

Com a finalização deste trabalho acadêmico, concluímos que os objetivos propostos e alcançados não são terminam aqui, são apenas provocadores de novas discussões e mudanças na forma de se realizar a preceptoria em Odontologia.

Foi possível conhecer a atuação da preceptoria em Odontologia, analisar a percepção dos preceptores cirurgiões-dentistas sobre sua função e prática pedagógica, e perceber como os desafios são imensos e quanto ainda temos para caminhar.

A partir dos resultados foi proposto a última parte desse trabalho que foi a construção dos produtos de intervenção, para o qual optamos: um relatório técnico entregue e apresentado ao NDE do curso de Odontologia da UFAL, a fim de torná-los cientes de como está o desenvolvimento do estágio “extramuros”; e a utilização da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) com a estruturação de um blog educacional com objetivo de auxiliar no processo de formação e capacitação dos preceptores, no processo ensino/aprendizagem em se tratando da temática em questão.

Assim esse trabalho ressalta a necessidade de estratégias a fim de contemplar a temática da formação pedagógica dos preceptores de estágio de Odontologia, assim como a interação ensino-serviço e as funções dos preceptores de estágios e suas atribuições.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2011.

BARRETO, Vitor Hugo Lima et al . Papel do preceptor da atenção primária em saúde na formação da graduação e pós- graduação da Universidade Federal de Pernambuco: um termo de referência. **Revista Brasileira de Educação Médica, Rio de Janeiro, v. 35, n. 04, dic.** 2011. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-52712011000400019&lng=es&nrm=iso>. Acessado em maio de 2014.

BENTES, Alessandra et al. Preceptor de Residência Médica: Funções, Competências e Desafios. A Contribuição de quem valoriza porque percebe a Importância: Nós Mesmos!. **Cadernos da ABEM**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica Vol. 9. p.32-38. Out. 2013.

BOTTI, Sérgio Henrique de Oliveira; REGO, Sérgio. Preceptor, supervisor, tutor e mentor: quais são seus papéis? **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro , v. 32, n. 3, Set. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022008000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 Jun 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022008000300011>.

BOTTI, Sérgio Henrique de Oliveira; REGO, Sérgio Tavares de Almeida. Docente-clínico: o complexo papel do preceptor na residência médica. **Physis**, Rio de Janeiro , v. 21, n. 1, p. 65-85, 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312011000100005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20 de agosto 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312011000100005>.

BRASIL, Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3, de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia**. Diário Oficial União. 04 mar 2002 ;Seção1:10. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES032002.pdf>

BRASIL. **Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória n. 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 set. 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Portaria interministerial nº 1.124, de 4 de agosto de 2015. Institui as diretrizes para a celebração dos contratos organizativos de ação pública ensino-saúde (COAPES), para o fortalecimento da integração entre ensino, serviços e comunidade no âmbito do sistema único de saúde (SUS).** Diário Oficial da União. Nº148. DOU 05/08/15; Seção 1. p.193.

CECCIM, Ricardo Burg. Educação Permanente em Saúde: descentralização e disseminação de capacidade pedagógica na saúde. **Ciências Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p.975-986, Dez. 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000400020&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 15 Jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232005000400020>.

CERQUEIRA, Paula. A formação pedagógica de preceptores dos estudantes da área da saúde: uma conversa em três tempos. In: BRANT, Victoria (Org). **Formação Pedagógica de Preceptores do Ensino em Saúde**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, p.67-75,2011.

DARODA, Larissa Silva Leitão. **Utilização das tecnologias da informação e comunicação pelos docentes de ensino superior da área da saúde**. 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LUDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MARIA, Vânia Oliveira Santos; SILVA, Maria Virginia Godoy da; BERARDINELLI, Lina Márcia Miguez. Preceptoría: elo da integração docente assistencial - suporte para o internato de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília , v. 44, n. 1, p. 49-54, Mar., 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671991000100009&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 15 de março de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71671991000100009>.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José. Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2006. p.133-173.

MISSAKA, Herbert; RIBEIRO, Victoria Maria Brant. A preceptoria na formação médica: o que dizem os trabalhos nos congressos Brasileiros de educação médica 2007-2009. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, Set., 2011.

MISSAKA, Herbert Ribeiro. **A Prática Pedagógica dos Preceptores do Internato em Emergência e Medicina Intensiva de um Serviço Público Não Universitário**. Dissertação (Mestrado), 2010. 66f. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2010.

MORSE, Janice M.; FIELD, Peggy Anne. **Qualitative research methods for health professionals**. 2. ed. London: Sage Publications, 1995.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa - Características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo. V.1, N.3.1996.

PALMIER, A.C.; AMARAL, J.H.L.; WERNECK, M.A.F.; SENNA, M.I.B.; LUCAS, S.D. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, supl. 2, Mar. 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto alegre: Artes Médicas Sul. 2000.

ROCHA, Hulda Cristina; RIBEIRO, Victoria Brant. Curso de formação pedagógica para preceptores do internato médico. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 03, set. 2012. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-52712012000500008&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 05 de outubro de 2014.

SANTOS, Alex Caetano dos.et al. Competências da Preceptoria na Residência Médica. **Cadernos da ABEM**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica Vol. 9. p.40-45. Out. 2013.

SARRETA, Fernanda de Oliveira. **Educação permanente em saúde para os trabalhadores do SUS**. São Paulo: Cultura Acadêmica da Fundação UNESP, v.1.252f. 2010.

SILVA, Adarita Souza da; MOREIRA, Solange Mary Santos. **Os Saberes Docentes ara a Prática Pedagógica de Alunos com Necessidades Educativas Especiais na Escola Regular**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014.

SILVA, José Gilberto da; COELHO, Caique Urtado; MOLINA, Carlos Eduardo Corrêa; MEDEIROS, André Luiz. **O uso das novas tecnologias e a mediação pedagógica na percepção de docentes da universidade federal de Itajubá**. ESUD 2014, XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. UNIREDE. Florianópolis- SC. Ago. 2014.

SOARES, Ângela Claudia Paixão et al. A Importância da Regulamentação da Preceptoria para a Melhoria da Qualidade dos Programas de Residência Médica na Amazônia Ocidental. **Cadernos da ABEM**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica Vol. 9. p.14-22. Out. 2013.

STAKE, Robert E. The case study method in social inquiry. In DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The American tradition in qualitative research**. vol.2. Thousand Oaks, California: Sage Publications. 2001.

TRAJMAN, Anete; ASSUNÇÃO, Naima; VENTURI, Monique; TOBIAS, Diogo; TOSCHI, Walria; BRANT, Victoria. A preceptoria na rede básica da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro: opinião dos profissionais de Saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, Mar. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022009000100004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20 set. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022009000100004>.

TOZETTO, Susana Soares; DE SÁ GOMES, Thaís. A prática pedagógica na formação docente. **Reflexão e Ação**, v. 17, n. 2, p. 181-196, 2009.

TURCHIELO, Luciana Boff.; WUNSCH, Laura. **As capacitações para EAD na perspectiva dos docentes do ensino superior**. ESUD 2013, Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Belém/PA, 2013.

UFAL, **Projeto político Pedagógico do curso de Odontologia da Universidade Federal de Alagoas**. Maceió, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1992.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso – Planejamento e Método**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A. Roteiro de Entrevista aplicado aos profissionais preceptores.

IDENTIFICAÇÃO _____

CIDADE: DATA: __/__/__

SEXO – Feminino () Masculino () IDADE:

FORMAÇÃO: GRADUAÇÃO ()

ESPECIALIZAÇÃO ()

MESTRADO ()

DOUTORADO ()

Pós-graduação/ Mestrado/Doutorado em qual(is) área(s)?

ATUAÇÃO DOCENTE: Não() Sim () HÁ QUANTO TEMPO?

1. ***Como você descreveria as funções de um preceptor de estágio?***
2. ***O que você entende por prática pedagógica do preceptor de estágio?***
3. ***Você já teve alguma formação sobre preceptoria ou prática pedagógica?***
4. ***Você se acha capacitado pedagogicamente para exercer a preceptoria?***
5. ***Você acha que há necessidade de capacitação pedagógica para os preceptores da unidade?***
6. ***Já recebeu algum incentivo para fazer capacitação pedagógica?***
Quais os incentivos de capacitação pedagógica que já recebeu?

- 7. *Utiliza algum embasamento teórico pedagógico para sustentar sua prática junto aos discentes na preceptoria?***
- 8. *Como você organiza suas atividades de preceptoria para acompanhar os discentes?***
- 9. *Como você descreveria seu trabalho como preceptor?***

APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA:UM OLHAR PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PRECEPTORES – PESQUISADORA: EMANUELLE TENÓRIO DE OLIVEIRA.**

O objetivo desse projeto é conhecer a percepção dos 25 preceptores do estágio “extra-muros” da FOUFAL sobre as “funções” e a prática pedagógica do preceptor no estágio curricular em serviço vinculado a uma Universidade Pública Federal.

Para realização da pesquisa, solicitamos que você participe de uma entrevista que será realizada em local acordado anteriormente e de acordo com a disponibilidade do entrevistado, que irá responder nove perguntas relacionadas à sua experiência e conhecimento sobre a prática da preceptoria em Odontologia, a participação do entrevistado na pesquisa será exclusivamente a entrevista.

Essa pesquisa oferece os seguintes riscos: possível desconforto pelo tempo exigido para responder as perguntas da entrevista e possível constrangimento pelo teor dos questionamentos. Para minimizar estes riscos, o entrevistador buscará o momento mais oportuno para realizar a entrevista do participante e assegurará o sigilo de todas as informações que forem colhidas com a entrevista. No entanto, não lhe trará nenhuma despesa adicional e a sua participação é totalmente voluntária.

Os benefícios dessa pesquisa consistem na possibilidade de atender as necessidades das novas exigências na formação dos discentes da Faculdade de Odontologia da UFAL no estágio curricular obrigatório, e para que os preceptores possam ter suas possíveis necessidades na preceptoria atendidas.

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar, assim como está livre para se recusar a participar. Bem como retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Sua participação voluntária ou recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados serão enviados a você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada na Coordenação do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde da

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas e outra será fornecida a você.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional. No caso de você sofrer algum dano decorrente dessa pesquisa será indenizado.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE

Eu, _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. A pesquisadora EMANUELLE TENÓRIO DE OLIVEIRA certifica-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Em caso de dúvidas poderei chamar a pesquisadora EMANUELLE TENÓRIO DE OLIVEIRA no telefone (82) 9616-3689 ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, situado à Av. Dr. Lourival de Melo Mota, S/N, Campus A. C. Simões – Cidade Universitária – Tabuleiro do Martins, Maceió – Al, telefone (82) 3214-1041.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Maceió, de _____ 2015.

Nome	Assinatura do Participante	Data

Nome	Assinatura do Pesquisador	Data

APÊNDICE C. ANÁLISE DE CONTEÚDO – CATEGORIZAÇÃO DO TEXTO DAS ENTREVISTAS

CATEGORIZAÇÃO	
Categoria	
<p>Prática Pedagógica</p>	<p>P1: “capacidade dele de proporcionar aos alunos um pouco do conhecimento que ele tem no dia a dia (...) passar ao aluno o que ele pratica na rotina dele de profissão(...) e que esse aluno possa enxergar naquela prática pedagógica do seu preceptor o que ele vê em livro, em sala de aula...”.</p> <p>P2: “É mostrar no paciente o que é feito na odontologia, é a parte prática da coisa...”.</p> <p>P3: “um apanhado de técnicas pedagógicas que o preceptor deveria executar durante o estágio ou pós-graduação do estudante...”.</p> <p>P4: “a capacidade da pessoa de passar pra eles de uma forma didática de como eles podem desenvolver o trabalho...”.</p> <p>P5: “são os meios que você utiliza, né, durante a rotina, no caso a Odontologia, aquela forma de abordagem de repente do paciente para tentar aproximar o conhecimento do aluno pra desenvolver a atividade como profissional no estágio...”.</p> <p>P6: “quando você vem pra prática é justamente orientar o que você aprendeu na teoria na prática, a prática seria a explicação passo a passo do que eu tô fazendo...”.</p> <p>P7: “é justamente passar o conhecimento, você dar dicas, fazer uma instrução, a instrução dos acadêmicos...”.</p> <p>P8: “é esse compartilhamento de conhecimento, eu faço de uma maneira mais empírica é compartilhar com eles o dia a dia mais prático da profissão...”.</p> <p>P9: “as aplicações teóricas com as aplicações práticas e a vivência do dia a dia da profissão em si, o contato direto que o aluno tem com o paciente sob a responsabilidade de um preceptor de estágio(..)o que eu tenho de prática pedagógica no estágio é do que eu vivenciei na residência e o que eu transporto das pessoas que foram meus preceptores...”.</p> <p>P10: “a minha prática pedagógica seria minha prática diária...”.</p> <p>P12: “Eu acho que quanto mais situações a gente conseguir não criar, mas quanto mais situações diferentes a gente conseguir mostrar para o aluno, quanto mais situações a gente conseguir mostrar que, quanto mais próximo a gente conseguir</p>

	fazer uma simulação do que ele vai encontrar quando ele estiver sozinho melhor vai ser...”.	
Subcategorias	De repente... preceptor!	Cirurgião-dentista e Preceptor ou Cirurgião-dentista Preceptor
	<p>P1: “parecidas com a do docente, passar na prática, é o que geralmente se vê em sala de aula. Preceptor e docente de sala não tem diferença, a diferença só é o ambiente de ensino...”</p> <p>P1 “tentar vincular o que eles aprendem na faculdade com a prática e tentar ensinar eles na prática...”.</p> <p>P1: “eu poderia melhorar mais, eu preciso me melhorar como preceptora, a responsabilidade é grande, tem uma responsabilidade, eles vão mexer com gente ...”.</p> <p>P2: “Orientação prática em si do conhecimento...” “nossa função é fazer esse elo entre o paciente e o estagiário e o conhecimento, fora a prática técnica...troca de conhecimentos...”.</p> <p>P2: “Não é completo, mas a gente tenta dar o que pode dar, né, o que a unidade oferece e o que a gente tem em mãos. A atuação como preceptora não supre totalmente, mas dá uma boa alavancada, até eles falam que aprendem legal...”.</p> <p>P3: “deveria passar, instruir o acadêmico...de acordo com a linha seguida por aquela instituição, entendeu? Então, seguir a metodologia, a conduta clínica, os protocolos e por aí vai...seria uma pessoa para abrir a cabeça, explicar e seguir a mesma linha que o acadêmico já vinha tendo ...”.</p>	<p>P1: “eu era instrutora de nível médio dos thds e acds do curso do Estado de odontologia, eu tive um treinamento sobre prática pedagógica(...) Pra ser preceptora dos alunos da odonto não, no dia a dia, não, nenhum curso(...)</p> <p>“eu me sinto preparado por conta da experiência que eu já tenho, mas por formação pra isso (preceptoria) não...” (experiência profissional)</p> <p>“Não só capacitação pedagógica, mas um curso realmente de qualificação pra preceptoria mesmo, a capacitação pedagógica seria até aquém (...) deveria ser cursos de qualificação, de médio a longo prazo realmente...” sobre necessidade de capacitação).</p> <p>P2: “o curso de capacitação durante 3 meses na própria escola Valéria Hora quando fui instrutora do curso de thd(...) uma reciclagem é muito interessante(...)Porque a gente sempre tem que se reciclar na própria profissão, então a gente estuda muito tanto pra gente enquanto profissional e também pra poder passar...”.</p> <p>P3: “não me recordo de nada voltado pra docência(...)</p> <p>pedagogicamente talvez não, mas eu me considero capacitado do ponto de vista de ter boa intenção, de ter a boa vontade, de ter disponibilidade, mas a parte pedagógica eu não sei nem avaliar(...)</p> <p>enriqueceria muito o estágio dos acadêmicos se os preceptores tivessem a</p>

	<p>P3: “razoável, satisfatório(...), eu não tenho alterado em nada a minha rotina...”.</p> <p>P4: “a gente vai auxiliar aqueles que estão se formando a colocar em prática o que eles aprenderam em sala de aula...”.</p> <p>P4: “Eu acho interessante, eu gosto do jeito que eu sou...”.</p> <p>P5: “que eu tento dar o meu melhor(...)eu não me sinto tão confortável, a gente é receptivo, o preceptor, a gente aqui recebe muito bem...”.</p> <p>P5: “vai inserir o estudante, acadêmico na rotina do dia a dia mesmo de trabalho, vai tá aproximando né, a sala de aula da prática do trabalho mesmo...”</p> <p>P6: “é orientar o aluno quanto a sua atividade profissional...”</p> <p>“na verdade é uma docência, sendo na prática...”</p> <p>P6: “na verdade como eu não fui orientada eu faço o meu trabalho e aí se alguém me questionar porque eu tô fazendo isso ou aquilo, eu respondo (...)</p> <p>“Eu acho que eu tô só servindo pra assinar um papel de que ele está cumprindo a carga horária dele...”.</p> <p>P7: “eu acho assim, que eu os deixo bem à vontade, mas ao mesmo tempo sem abandonar, sem deixar fazer o que quer, ponto positivo eu acho que é dar autonomia pra eles atuarem...”.</p> <p>P7: “recepção, mostrar como é que funciona a unidade...tem que ensinar,</p>	<p>formação(...)</p> <p>Acho que se tivesse a capacitação ajudaria na minha rotina(...) por nunca ter feito nenhum curso assim direcionado a docência, então a experiência que eu tenho de repente é o que eu adquiri talvez assistindo aulas dos professores.”.</p> <p>P4: “quando eu fui tutora, a gente recebe uma capacitação em relação à função do tutor, então assim, um conhecimento acerca disso, mas em relação a preceptoria não, e é um pouco diferente (...) acho que ainda falta um certo incentivo, uma capacitação. Capacitações até com os próprios profissionais da universidade...”.</p> <p>P6: “Pedagogicamente não, porque eu não tenho noção justamente do que eu vou e como orientar (...) deveria ter uma capacitação, tipo uma aula teórica pra gente ter noção do que a gente de como orientar mesmo (...) eu uso um pouco da parte científica que eu passo pra eles, mas pedagógica não, até porque eu não tenho essa orientação...”</p> <p>P7: “a relação preceptor com aluno talvez a gente precisasse fazer um curso(...)Eu acho que precisaria de uma formação, de uma capacitação dos profissionais que vão receber os estagiários e uma conscientização por parte da coordenação pra valorizar a importância deles estarem vindo pra cá...”.</p> <p>P8: “eu não tenho nenhuma formação dessa parte de docência, mas aí eu digo o que eu vou fazer, digo quais são os passos e deixo eles bem à vontade (...)apesar de eu não enfrentar nenhuma dificuldade eu não me acho capacitado, eu acho que seria importante eu ter algum preparo, nem que seja uma capacitação curta...”.</p> <p>P9: “Formação sobre prática pedagógica</p>
--	--	---

	<p>passar algum conhecimento, a gente tem que deixar que os acadêmicos fiquem à vontade pra poder desenvolver...”</p> <p>P8: “deixo eles bem à vontade pra interferir no atendimento, perguntando ou executando e vindo e dizendo: “olhe, qualquer dúvida venha me chamar”, meu papel é mais esse de ficar pronto para as necessidades deles...”</p> <p>P8: “o que eu faço aqui na verdade é deixar os alunos bem à vontade pra tirar as dúvidas(...)Eu acho que é mais por tentativa e erro o meu método...”.</p> <p>P9: “...agregar, a buscar as informações que os alunos tiveram de teoria e de prática na faculdade e aplicar pra realidade de funcionamento do local de estágio(...) vai dar as dicas do tratamento de acordo com a característica cultural de cada população e de cada região que ele está trabalhando....”.</p> <p>P9: “ um trabalho injusto pra mim como preceptor, porque eu não consigo passar para o estagiário, acadêmico tudo que eu poderia passar em termos práticos, ajudá-lo na prática, porque a estrutura física não comporta isso...”.</p> <p>P10: “são orientar, ensinar, explicar, tudo direitinho e colocar o estudante aqui pra trabalhar na prática...”</p> <p>P10: “Eu acho que é um bom trabalho, um trabalho que ajuda muito ao estudante, que orienta e eu acho que deixa alguns já capacitados pra profissão...”.</p> <p>P11: “a gente aqui é um</p>	<p>da preceptoria nunca tive nenhuma formação específica, mas eu tive a formação da parte pedagógica educacional no mestrado (...)Eu tenho certeza que deve haver uma prática constante de educação continuada, porque muito das pessoas que são preceptores nas práticas de estágio não tem a formação mínima pra ser um preceptor de estágio(...)a prática que nós aprendemos no mestrado de orientação, de entender o aluno, de buscar o máximo que ele pode dar de acordo com o perfil de cada pessoa, de acordo com o que ele aprendeu na instituição de ensino, de graduação dele...”.</p> <p>P10: “eu não tenho nenhum curso, nenhuma formação(...)</p> <p>Há dez anos recebo os estagiários e nunca tive nenhuma formação, nada(...) a gente não tem nenhuma orientação de como a gente fazer isso, de seguir alguma linha, algum caminho(...) porque como a gente não tem curso de nada, não tem nenhuma orientação, aí a gente se vira assim com a experiência da gente mesmo e com o conhecimento científico...”.</p> <p>P11: “Não, nunca tive...”(formação)</p> <p>“Pedagogicamente eu não sei, mas eu tenho muita boa vontade(...)com a minha experiência mesmo no dia a dia aqui, no trabalho, procurar deixar eles um pouco mais tranquilos (...)nem tudo a gente sabe e quanto mais conhecimento melhor, até pra gente se preparar melhor pra gente repassar alguma coisa aos acadêmicos(...)</p> <p>Não, só a boa vontade e a experiência mesmo ...”.</p> <p>P12: “Nunca recebi nada de formação(...) tá faltando um pouquinho mais de</p>
--	---	---

	<p>educador(...)procura de certa forma contribuir com a formação deles com a nossa experiência(...)mostrar como tratar os pacientes de uma maneira humanizada, mostrar as deficiências da atenção básica, mostrar a importância do odontólogo na estratégia de saúde da família(...) como se fosse um elo, no caso aqui específico da estratégia de saúde da família seria esse elo entre os acadêmicos e a atenção básica, mostrar a eles a importância do profissional Odontólogo na estratégia de saúde da família, a função do Odontólogo...”</p> <p>P11: “Eu acho que seja bom, o pessoal gosta muito da gente, as pessoas, os alunos que passaram por aqui sempre fazem recomendação para os próximos...”.</p> <p>P12: “preparar o aluno que tá se formando para o que o mercado está esperando(...)é preparar ele da melhor forma possível e capacitá-lo...”.</p> <p>P12: “Eu acho que está sendo suficiente, tá bom, eu gosto de fazer isso...”.</p>	<p>capacitação, de dedicação, tem uns que recebem mais por obrigação do que por vontade própria(...) tudo o que eu aprendi nesse tempo de docência eu uso e coloco em prática...”.</p>
<p>ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO</p>	<p>P1: “não tem um planejamento direcionado, é o que eu vai acontecer no dia a dia(...)não tem uma preparação planejada, certinha não, não tem um plano, é mais assim uma coisa do senso comum do que ocorre no dia a dia, a programação pra os alunos, pra os alunos que vem pro preceptor, é de acordo com a rotina da agenda, do que tá pré-agendado já na rotina da unidade”.</p> <p>P2: “não preparo nada específico, eles chegam já tem os pacientes agendados e eles ficam me acompanhando, eu dei meu cronograma pra eles pra eles acompanharem o atendimento da própria unidade”.</p> <p>P3: “eu não tenho alterado em nada a minha rotina, a gente tenta colocar o acadêmico para se adaptar a nossa rotina, a gente vai, leva, explica o que é feito e porque, explica cada caso, justifica a conduta escolhida, executada, dentro da disponibilidade, tanto de tempo quanto de capacitação do acadêmico, a gente</p>	

deixa ele executar algum tratamento”.

P4: “a gente tá buscando passar pra esses alunos lá quais são as atribuições do dentista, o que ele tem que fazer por mês, o que tem que fazer por semana, como é a produção, além de botar eles pra trabalhar algumas vezes (...) Eles acompanham a gente diretamente, quando é horário de atendimento eles estão acompanhando a gente, observando, teve época de tá faltando material e ficar sem atender e tal, e aí podem ter não aproveitado muito, teve uma dupla que passou um tempão, um mês um mês e meio sem material”.

P5: “é mais aquela coisa empírica, não é nada assim científico, é aquela rotina, de ser aberto a discussões, de deixar os alunos à vontade para poderem interagir com o profissional (...) é aquela coisa mais de cotidiano, é aquela coisa do diálogo (...)eu não consegui estabelecer uma rotina pra seguir, mas aí a cada dia a gente tenta no final sentar, discutir, ver quais foram as dúvidas...”.

P6: “Porque quando eles vêm aqui eu só faço, só respondo o que me perguntam, né. Então eu não explico, não oriento passo a passo o que eu tô fazendo, às vezes uma coisa que eu acho importante pra ele, uma coisa que eu vejo que na graduação ele não tem essa orientação(...) eles são tipo jogados, os estagiários são jogados! A gente recebe porque realmente não vai dizer “não, não vai entrar, não vai ver o que eu tô fazendo(...)a rotina é a mesma, o estagiário observa o que eu estou fazendo, tipo assim tudo que eu faço eu não digo passo a passo porque eu estou fazendo, não justifico o que estou fazendo, eu faço o meu profissional...”.

P7: “na verdade eu uso mais assim em termos de experiência, mas nada teórico não. A gente divide os pacientes, conversa antes, eles acompanham a rotina e eles também desenvolvem atividades, também fazem o atendimento, eu chamo, mostro, explico, assim, mas não tem aquele tempo que você para pra conversar realmente não tem não...”.

P8: “é bem empírico mesmo, assim eu vou talvez me espelhando em como eu aprendi, em como os professores faziam, aí eu vou passando pra eles(...)Ela é realizada a cada atendimento, eu sempre pego uma ficha, digo qual é a situação do paciente eu digo mais ou menos qual o histórico do paciente, digo qual o procedimento tá programado para o dia, digo quais são os passos e aí no durante, na execução do procedimento a gente vai tirando as dúvidas, é o atendimento do meu dia a dia normal...”.

P9: “Na realidade eu não organizo, não organizo. É uma prática continua, mas sem uma fundamentação nas vivências anteriores, cada dia é um novo dia, sem para pra refletir o que foi feito. Sem um planejamento, é a prática diária...”.

P10: “a gente mostra como é o trabalho da gente, coloca também pra trabalhar, primeiro orienta como é o trabalho, explica tudo direitinho e depois já coloca aqui na cadeira pra trabalhar, pra atender os pacientes com nossa supervisão e orientação...”.

	<p>P11: “A primeira coisa que a gente faz, a gente tem uma conversa meio que informal, a gente procura apresentar a unidade (...)Aqui eles atendem com a supervisão da gente, a gente tá sempre do lado, não deixa eles só não (...) depois a gente repassa pra eles a agenda da gente...”.</p> <p>P12: “Para que a gente recebesse os alunos não fizeram nenhum treinamento(...)Quando eles chegam, normalmente, a gente conversa (...) Eles atendem, sempre coloco pra atender, sempre sob minha supervisão, me responsabilizo por qualquer procedimento que eles façam, normalmente no primeiro dia só eu atendo, atendo e fico explicando e a partir do segundo dia eles começam a atender, sempre no intervalo entre um paciente e outro eu faço uns questionamentos, peço pra estudar para o outro dia...”</p> <p>P1: “Receber, capacitá-los durante dois meses pra que eles possam colar grau e cumprir tabela da faculdade, da graduação (...) hoje esses meninos passam 2 meses, dois meses não dá tempo de ver nada porque 2 meses além de ser um espaço de tempo muito curto, tudo pode acontecer, uma falta de energia, uma unidade fechada, um feriado, então eles já vão perdendo dias também de ensino, eu acho que o tempo é curto, entendeu”.</p> <p>P2: “eu acho que deveria aumentar o período do estágio desde o início; Três meses de estágio que a UFAL oferece são pouco, normalmente e três meses, é pouco tempo até pra eles e pra gente passar, então eu acho que deveria aumentar mais o número da quantidade de estágio, de tempo, né, que eles passam”.</p> <p>P5: “Em relação ao tempo de estágio também eu acho que poderia ficar até um tempo maior, eu acho pouco tempo, e também quando os alunos estão presentes a coisa tem que andar um pouco mais devagar...”.</p> <p>P12: “minha sugestão era que aumentar um pouco o tempo do estágio, dois meses é realmente insuficiente(...) eu acho que é às vezes é pouco tempo que eles passam, poderia ser mais, porque em dois meses aquele que já chega quase pronto, tudo bem, a gente consegue deixá-lo pronto para o mercado, mas tem uns que chegam bem imaturos e dois meses não dá pra melhorar muito não...”.</p>
SUBCATEGORIA	ENTRAVES NA INTERAÇÃO ENSINO-SERVIÇO
	<p>P1: “Tem que haver um vínculo, uma conexão entre os dois, entre sala de aula e a prática do dia a dia (...) o vínculo da UFAL formalizado só pra receber os alunos, sem capacitação pra gente (...) deve ser complementada no que a universidade pode acompanhar os preceptores e melhorar isso, tem uma lacuna entre a universidade e a instituição que faz vínculo com ela pra receber os alunos”.</p> <p>P1: “Não, eu não tive incentivo de ninguém (...) da universidade nada, não, da universidade que é o vínculo da gente institucional pra ser preceptor dentro do município, não”.</p>

P3: “Não, nenhum, nem da Ufal nem da unidade”.

P4: “o município, outras gestões, fizeram esse convênio com a UFAL, aí ele verificou que a UFAL tinha um convênio com a Barra, a partir de então começou a mandar, já tá na quarta dupla, eles mandam os estagiários”.

P5: “falta um certo incentivo, no caso falta esse contato, que teria que se aproximar, de repente, um pouco mais dos preceptores, eu sinto sim essa lacuna, existe um espaço e no meio deles tão os alunos...”.

P6: “a gente não tem uma orientação de quando esses estagiários chegam o que passar pra eles, e outra coisa, na verdade, ele vem pra cá pra quê? Na verdade, ele pode atender? Ou ele vem só observar, entendeu (...) na verdade aqui eu nunca fui nem avisada que esses estagiários iriam chegar, eles já chegaram, na verdade, no dia do meu atendimento....”.

P7: “Quando começou a preceptoria, não teve nada, nenhuma reunião e nem nada aqui, simplesmente os estagiários apareceram aqui...”

P8: “nivelar o que o estagiário vê aqui no município ver em outro, mais ou menos na mesma linha pedagógica, eu acho que, não sei se nos outros municípios é do mesmo jeito, mas o que é feito é cada um do seu jeito, então se tivesse um nivelamento, saber como lidar com esse estudante, talvez fosse mais fácil (...) é ter uma padronização de como agir com os acadêmicos....”.

P8: “não recebi não nem da universidade nem daqui, acho que seria interessante, incentivo de qualquer natureza, desde um simples curso que oferecessem pra gente pra ter mais segurança de como proceder com o acadêmico já era um incentivo...”.

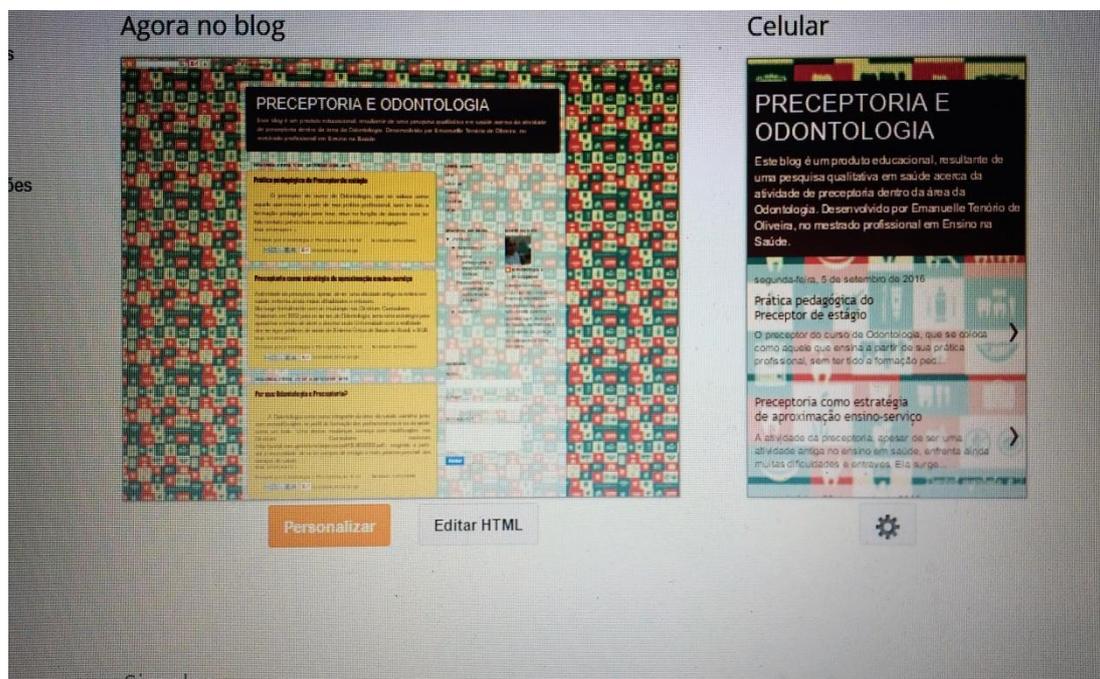
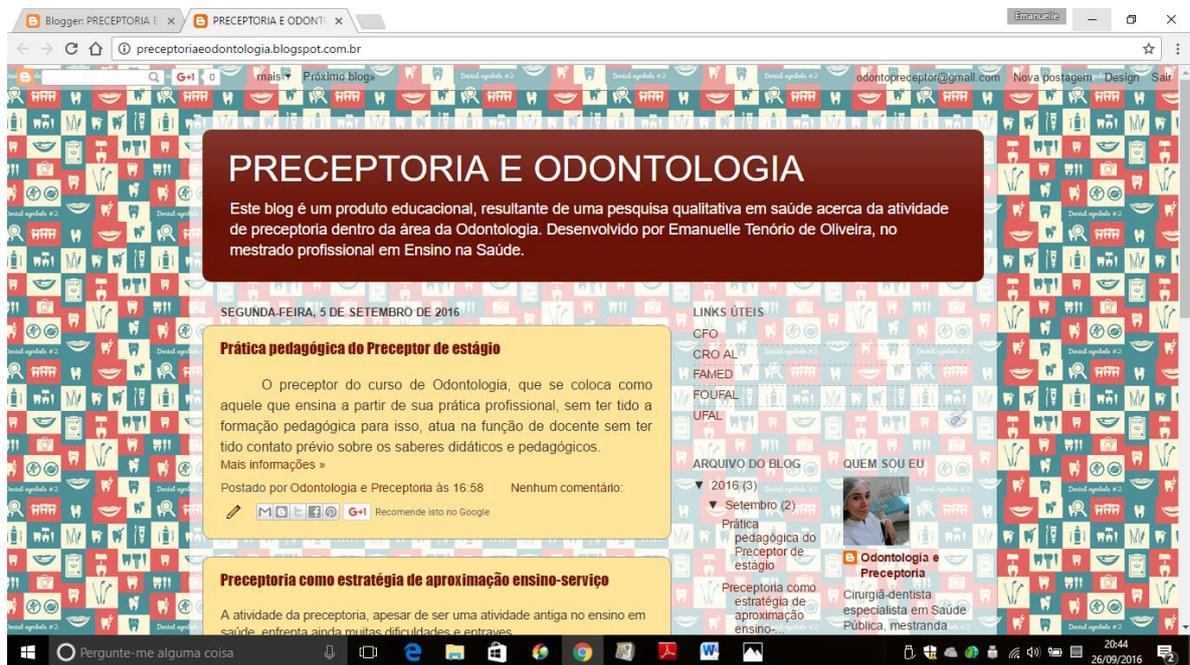
P9: “Eu recebo incentivo do Centro Universitário Cesmac que a cada seis meses no final do semestre nós recebemos capacitação pedagógica(...)Eu acho que poderia ter um incentivo salarial para os preceptores que fazem orientação...”.

P11: “ a gente já teve um contato quando a gente foi pra uma palestra convidado da Universidade do Professor Lécio, aí foi passado, mas informações de busca ativa de câncer bucal. Eu tive uma conversa em “off” com o Amorim que eu não sei se ele é o coordenador ainda do estágio e com professora Patrícia e eu disse a ela que era importante a gente ter essas reuniões dos professores com os preceptores porque a gente de alguma maneira a gente vê as deficiências, as dificuldades que eles tem aqui, não sei se é culpa da universidade ou se são dos alunos, entendeu? (...) esse contato deles (professores da universidade) com a gente seria importante até pra eles reverem isso, uma troca de informação eu acho que válida muito importante para a graduação deles...”.

P12: “Não, pela UFAL nunca, nada, nem um parabéns, muito obrigado, nada!”
(Sobre receber incentivo).

APENDICE D

Blog Preceptoría e Odontologia



ANEXOS

Anexo 1 Autorizações dos municípios participantes da pesquisa.

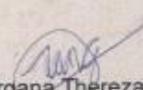


PREFEITURA MUNICIPAL DE MESSIAS-AL
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Morgana Thereza G. de Oliveira, Secretária Municipal de Saúde do Município de Messias- Alagoas – declaro estar informada da metodologia que será desenvolvida na pesquisa: **ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA: UM OLHAR PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PRECEPTORES**, que tem como pesquisadora responsável a mestranda Emanuelle Tenório de Oliveira. Ciente de que sua metodologia será desenvolvida conforme a resolução CNS 466/2012 e das demais resoluções complementares autorizo a realização da pesquisa nesta instituição.

Maceió, 18 de novembro de 2014.


Morgana Thereza G. de Oliveira
Secretária Municipal de Saúde – Messias/AL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ODONTOLOGIA



CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Jorge Alberto Gonçalves, Diretor do Curso de Odontologia da Universidade Federal de Alagoas – declaro estar informado da metodologia que será desenvolvida na pesquisa: **ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA: UM OLHAR PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PRECEPTORES**, que tem como pesquisadora responsável a mestranda Emanuelle Tenório de Oliveira.

Ciente de que sua metodologia será desenvolvida conforme a resolução CNS 466/2012 e das demais resoluções complementares autorizo a realização da pesquisa nesta instituição.

Maceió, 24 de novembro de 2014.


Jorge Alberto Gonçalves
Diretor da Faculdade de Odontologia da UFAL



PREFEITURA MUNICIPAL DE MESSIAS-AL
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
COORDENAÇÃO DE SAÚDE BUCAL

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Lidianne Mércia Barbosa Malta Rocha Coordenadora de Saúde Bucal do Município de Messias- Alagoas – declaro estar informada da metodologia que será desenvolvida na pesquisa: **ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA: UM OLHAR PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PRECEPTORES**, que tem como pesquisadora responsável a mestranda Emanuelle Tenório de Oliveira. Ciente de que sua metodologia será desenvolvida conforme a resolução CNS 466/2012 e das demais resoluções complementares autorizo a realização da pesquisa nesta instituição.

Maceió, 10 de novembro de 2014.


Lidianne Mércia Barbosa Malta Rocha
Coordenadora de Saúde Bucal – Messias/AL



PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL DEODORO/ AL
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Maria de Fátima de Saldanha, Coordenadora de Saúde Bucal do Município de Marechal Deodoro - Alagoas – declaro estar informada da metodologia que será desenvolvida na pesquisa: **ODONTOLOGIA E PRECEPTORIA: UM OLHAR PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PRECEPTORES**, que tem como pesquisadora responsável a mestrandia Emanuelle Tenório de Oliveira. Ciente de que sua metodologia será desenvolvida conforme a resolução CNS 466/2012 e das demais resoluções complementares autorizo a realização da pesquisa nesta instituição.

Maceió, 19 de Dezembro de 2014.

Maria de Fátima Saldanha
Coordenadora de Saúde Bucal de Marechal Deodoro/AL

ANEXO 2 – Declaração de entrega e apresentação do relatório técnico.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ODONTOLOGIA
NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE – NDE

DECLARAÇÃO

Declaramos que **Emanuelle Tenório de Oliveira**, mestranda em ensino na saúde da Faculdade de Medicina da UFAL, entregou e apresentou relatório técnico da pesquisa, intitulado, **Odontologia e preceptoria: um olhar para a prática pedagógica do preceptor de estágio**.

Maceió, 14 de setembro de 2016.


Prof. Dr. Amaro Carlos Jr.
Coordenador do NDE-FOUFAL